



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Associações entre a violência nas relações de intimidade, as experiências precoces adversas e a vergonha numa amostra de adolescentes institucionalizados.

Filipa Cristina Seixas Torres da Costa (e-mail:
filipatorresdacosta@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Luiza Nobre Lima.

“Ser criança não deveria doer, mas muitas vezes dói.”
Zélia Barroso (2015, p.5)

Associações entre a violência nas relações de intimidade, as experiências precoces adversas e a vergonha numa amostra de adolescentes institucionalizados.

Os adolescentes institucionalizados constituem um grupo de alto risco para a violência nas relações de intimidade, em virtude de um passado marcado por maus tratos e consequentes experiências de humilhação e submissão que transportam consigo para a sua “nova casa” e para as novas relações que aí vão estabelecer. Destas experiências precoces de vida, adversas na sua essência, sabe-se hoje que podem desencadear sentimentos de vergonha, tanto interna como externa.

São assim objetivos fundamentais da presente dissertação a análise da expressão dos comportamentos de violência na intimidade juvenil, perpetrados e sofridos, numa amostra de adolescentes institucionalizados e do papel mediador da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência no namoro, tanto perpetrada como sofrida.

Este estudo é composto por uma amostra de 170 adolescentes que se encontram em acolhimento residencial, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos ($M=15.89$; $DP=1.56$) e que são maioritariamente do sexo feminino (61,2%) e de nacionalidade portuguesa (92,4%). Para o efeito foram utilizados um breve questionário sociodemográfico concebido especificamente para esta investigação, assim como o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes, a Escala de Vergonha Externa, a Escala de Vergonha Interna, e a Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes

Os resultados obtidos revelam que: (1) não existem diferenças significativas ao nível das das experiências de vitimização e perpetração de violência nas relações amorosas entre rapazes e raparigas que se encontram em acolhimento residencial; (2) o aumento do tempo da relação está associado a uma maior predisposição para a perpetração de estratégias positivas na gestão de conflitos; (3) o tempo de institucionalização está associado a uma menor vitimização nos comportamentos violentos; (4) para a amostra total constatou-se uma relação moderada entre a vergonha interna e externa e a vitimização de estratégias abusivas na resolução de conflitos; (5) para as raparigas a vergonha externa surge como principal mediadora da vitimização da violência.

De um modo geral, estes resultados apontam que a visão do self como inadequado ou inferior aos olhos do outro é a variável que mais pode influenciar a aceitação dos comportamentos violentos nas relações de intimidade.

Palavras-chave: Adolescência; acolhimento residencial; violência no namoro; experiências precoces adversas; vergonha

Associations between violence in intimate relationships, adverse childhood experiences and shame in a sample of institutionalized adolescents

Institutionalized adolescents are a high risk group for intimate relationships violence, considering a past marked by abuse and consequent experiences of humiliation and submission that possibly carry to their "new home" and to the new relationships that there are going to set. These early life experiences, adverse in its essence, it is known today that could trigger feelings of shame, either

internal or external.

The main purpose of this dissertation is the analysis of the expression of the behaviors of violence in youth intimate, perpetrated and suffered, in a sample of institutionalized adolescents and the mediating role of internal and external shame in the relationship between negative early experiences and dating violence, both perpetrated and suffered.

This study is composed of a sample of 170 adolescents who are in residential care, aged between 13 and 19 years ($M = 15.89$, $SD = 1.56$) which are mostly female (61.2%) and portuguese (92.4%). For that purpose we used a brief sociodemographic questionnaire designed specifically for this research, as well as the Inventory of Conflict in Dating Relationships among Adolescents, External Shame Scale, Internal Shame Scale, and Early Experiences Scale for Adolescents Life.

The results reveal that: (1) there are no significant differences in the experiences of victimization and perpetration of violence in romantic relationships between boys and girls who are in residential care; (2) the increase of the time of relationship is associated with a greater predisposition to the perpetration of positive strategies in conflict management; (3) the time of institutionalization is associated with lower victimization in violent behaviors; (4) for the total sample has found a moderate relation between internal and external shame and victimization of abusive strategies in conflict resolution; (5) for girls, external shame emerges as the primary mediator of victimization of violence.

Overall, these results show that the self view as inadequate or inferior to the other's eyes is the variable that most could influence the acceptance of violent behaviors in intimate relationships.

Key Words: Adolecence; residential care; dating violence; early adverse life experiences; shame.

Agradecimentos

À Professora Doutora Luíza Nobre Lima pela imensurável partilha de conhecimento, pelo profissionalismo e empenho, pelo constante apoio, motivação e reforço nos momentos mais difíceis

À minha mãe, à minha irmã pela força e incentivo que me proporcionaram nesta etapa. Pela oportunidade que me deram de realizar este projeto e por acreditarem em mim. Obrigado pela ajuda prestada com o Afonso, pelo amor, pelo carinho e pela ternura que sentem por nós.

Ao Ruben, por todas as semanas de ausência e por ter “raptado” o Afonso nestas últimas semanas. Obrigada pela compreensão, pelo amor e por seres um pai fantástico.

Às minhas amigas Ângela e Vanessa, pelo encorajamento contínuo, pela partilha de ansiedades e medos. Em especial à Vanessa, a minha “co-autora”, obrigada por me ouvires obstinadamente, por todas as partilhas de opiniões, serás sempre a mestre da “tabelagem”.

E por fim, mas não em último, um obrigada ao meu Afonso, o meu amor maior, a minha maior fonte de motivação.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	2
II – Objetivos	11
III – Metodologia	12
IV – Resultados	21
V – Discussão	33
VI – Conclusões	34
Bibliografia	36
Anexos	43

Anexos

- Anexo 1: Questionário Sociodemográfico
- Anexo 2: *E-mail* dirigido à direção das instituições
- Anexo 3: Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI)
- Anexo 4: Escola de Vergonha Externa (OAS)
- Anexo 5: Escala de Vergonha Interna (ISS)
- Anexo 6: Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (ELES-A)

Índice de Tabelas

Tabela 1a: Características gerais da amostra.

Tabela 1b: Frequências absolutas e relativas do tipo de relação amorosa e de características do envolvimento.

Tabela 1c: Dados do questionário sociodemográfico referentes à institucionalização.

Tabela 2: Frequências relativas às estratégias abusivas de resolução de conflitos.

Tabela 3: Frequências relativas às estratégias positivas de resolução de conflitos.

Tabela 4: Frequências relativas aos comportamentos violentos.

Tabela 5: Médias e desvios-padrão dos tipos de violência em função do sexo e respetiva comparação estatística.

Tabela 6: Médias, desvios-padrão dos tipos de violência em função do ciclo de escolaridade e respetiva comparação estatística.

Tabela 7: Correlação entre a idade e as relações de violência na intimidade.

Tabela 8: Correlação entre vitimização, perpetração nas relações de violência na intimidade e duração do namoro.

Tabela 9: Médias, desvios-padrão dos tipos de violência em função da prática de relações sexuais e respetiva comparação estatística.

Tabela 10: Estatística descritiva dos tipos de instituição.

Tabela 11: Correlação entre vitimização, perpetração e o tempo de institucionalização.

Tabela 12: Correlações entre estratégias abusivas, comportamentos violentos, vergonhas e experiências precoces adversas para a amostra total e rapazes e raparigas.

Tabela 13: Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respetivos coeficientes para as experiências de vitimização nas raparigas.

Tabela 14: Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respetivos coeficientes para as experiências de vitimização nos rapazes.

Tabela 15: Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respetivos coeficientes para a perpetração de violência nas raparigas.

Tabela 16: Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respetivos coeficientes para a perpetração de violência nos rapazes.

Introdução

A adolescência “*é uma janela de oportunidade para as trajetórias relacionais*” (Tanaka & Wekerle, 2014, p.30), entre as quais se destacam os relacionamentos amorosos cujo início parece ser particularmente exigente (Weiss, et al., 2011). Ao encetar uma relação íntima, os adolescentes criam expectativas de amor, amizade e felicidade (Jackson, 1999) que são moldadas pelos vínculos que tiveram na infância (Chiodo, et al., 2012). As primeiras relações da infância são, por isso, importantes pilares das relações românticas adultas, podendo contribuir para o estabelecimento de padrões de relacionamento interpessoal que persistem ao longo da vida (Fernández-González, Wekerle, & Goldstein, 2012).

Mas como será que os adolescentes que tiveram uma infância marcada pela adversidade vivem estas relações? Poderão estes adolescentes transportar a disfuncionalidade e a violência das relações da infância para as suas relações amorosas? O interesse por este tema surge não só a partir desta questão, mas também pela falta de estudos deste fenómeno numa população tão específica como são os adolescentes que se encontram em acolhimento residencial. Estes adolescentes, muitas vezes vítimas das condições adversas vividas durante a infância, como os maus tratos, são obrigados a sair do seu ambiente familiar, para que o ciclo de violência termine e lhes seja possível um crescimento e desenvolvimento saudável. Mas será que eventuais experiências precoces de submissão e humilhação a que estiveram expostos na infância influencia a forma como vivem, agora na adolescência, as relações de intimidade? Será que existe uma continuidade no ciclo da violência? Será que as dificuldades de regulação emocional e um sentimento de vergonha destes adolescentes e o impacto negativo que advém destas podem ser consideradas um fator de risco para a construção de uma relação saudável com os outros? É muito retratado na literatura que estas características, quando associadas à dificuldade em preservar a sua intimidade, podem colocar os adolescentes numa posição de

vulnerabilidade face à violência nos seus relacionamentos íntimos (Bradley, et al., 2011).

A violência nas relações de intimidade não é um fenómeno recente (Caridade, 2011), sendo associada, por alguns autores, a um problema de saúde pública (Chiodo, et al, 2012; Tanaka & Wekerle, 2014) que pode interferir com o desenvolvimento social, físico, psicológico do adolescente (Ferreira, Lopes, Aparício, Cabral & Duarte, 2014). Numa tentativa de definição sobre o ato de violência nas relações de intimidade, alguns autores defendem que este pode ocorrer de uma forma ocasional ou contínua (Ferreira et al., 2014) e ser cometida por um ou ambos os parceiros, cujo objetivo passa por controlar, dominar e/ou ter mais poder que o outro na relação (Wekerle & Wolfe, 1999).

Investigações recentes têm demonstrado que, com bastante frequência, os agressores e as vítimas da violência no namoro desvalorizam e/ou minimizam a ocorrência deste tipo de dinâmicas violentas (Wekerle, et al., 2009; Caridade, 2011; Fernández-González, Wekerle, & Goldstein, 2012; Ferreira et al., 2014). A literatura evidencia, ainda, que muitos adolescentes ainda culpabilizam as vítimas pela ocorrência dos incidentes abusivos. Estes comportamentos de aceitação do ato violento, e/ou, a não responsabilização do agressor, traduz-se numa desvalorização de prevenção (Caridade, 2011).

O presente estudo tem como finalidade analisar a expressão da violência nas relações de intimidade entre jovens que se encontram em acolhimento residencial. Adicionalmente, procurar-se-á estabelecer uma relação entre as experiências adversas e de vergonha na infância, na manifestação e vitimização da violência nas relações de intimidade. Serão as experiências precoces adversas um preditor na perpetração e vitimização da violência nas relações de intimidade entre adolescentes institucionalizados? E de que forma os sentimentos de vergonha a par dessas experiências precoces, contribuem para a emergência da violência nas relações de intimidade?

Deste modo, o presente estudo tem duas partes. Na primeira será apresentado um enquadramento conceptual, onde se pretende elaborar uma revisão da literatura sobre a adolescência e o acolhimento residencial, a violência no namoro, as experiências precoces adversas e a vergonha. Na segunda serão apresentados os objetivos, a metodologia seguida (amostra,

instrumentos e procedimentos), os resultados obtidos e a sua respectiva discussão. Por último, serão apresentadas as principais conclusões deste estudo.

I – Enquadramento conceptual

1. Adolescentes em acolhimento residencial

Todas as crianças e jovens têm o direito de crescer no seu seio familiar, permitindo-lhes um desenvolvimento saudável e, posteriormente, a construção da sua identidade. No entanto, é inculcido na família um papel preponderante, o de “*conter, amar, acarinhar, incentivar, desenvolver modelos de cooperação, respeito mútuo e empatia junto das suas crianças*” (Pacheco, 2010, p. 4). Todavia, quando a família não consegue assegurar as condições mínimas para um desenvolvimento equilibrado, a criança ou jovem, é retirada¹ do ambiente familiar e colocada ao cuidado de uma instituição (Nobre-Lima, 2009).

A aplicação desta medida surge como superior interesse² da criança ou jovem, protegendo-a, das condições desfavoráveis ou de risco de que é alvo no seu ambiente familiar (Alberto, 2008). Este processo de acolhimento, como consequência de situações traumáticas, pode envolver situações de mau trato, de pobreza, de abandono, entre outras (Wathier-Abaid, Dell’Aglia, & Koller, 2010).

É consensual na literatura que o mau trato ocorre quando as condições de risco se sobrepõem às condições de proteção (Belsky, 1993; Wolfe, 1999;

¹ O acolhimento residencial tem como finalidade contribuir para criação de condições que garantam a satisfação de necessidades físicas, psicológicas e sociais das crianças e jovens, integrando-as num contexto sociofamiliar seguro e promovendo a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. Constitui uma das medidas de promoção dos direitos e proteção das crianças e jovens em perigo consagradas na legislação portuguesa (art.º 49 da Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro, segunda alteração à Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo). Embora, esta, seja uma das últimas medidas a aplicar, depois de todas as outras se revelarem ineficazes. As medidas de promoção e proteção presentes na LPCJP são, a) apoio junto dos pais; b) apoio junto de outro familiar; c) confiança a pessoa idónea; d) apoio para a autonomia de vida; e) acolhimento familiar; f) acolhimento residencial; g) confiança a pessoa selecionada para a adoção ou a instituição com vista a futura adoção.

² Sobre o superior interesse da criança e do jovem, a LPCJP parece adotar como definição “*o direito do menor ao desenvolvimento são e normal no plano físico, intelectual, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade*” (Rodrigues, 1985 in Ramião, 2006, p.32 in Nobre-Lima, p. 100).

Alberto, 2008; Canha, 2008; Batista, Mesquita & Soares, 2015). David Wolfe (1999), propôs, relativamente à taxonomia do mau trato, quatro principais tipos – mau trato físico, mau trato emocional, abuso sexual e negligência. A perpetração de vários tipos de maus tratos é mais comum do que a prática de uma agressão isolada, “*o que naturalmente agrava as suas repercussões*” (Canha, 2008, p. 24).

À medida que a criança cresce, constrói representações ou modelos internos dinâmicos essenciais à compreensão do mundo e planeamento da sua ação no contexto das relações com os outros e na imagem de si própria (Bretherton & MunHolland, 2008). O adolescente institucionalizado, muitas vezes, vítima de uma infância pautada por maus tratos, pode³ construir representações relacionais pobres (Wolfe, 1999), em que sentimentos de perda, abandono, solidão (Mota & Matos, 2008), angústia (Holmes, 2001) predominam. Uma vez estabelecidos e aprendidos, estes padrões relacionais, são particularmente difíceis de serem alterados (Wolfe, 1999).

O processo de acolhimento, numa fase inicial, pode enfraquecer, a rede de apoio dos adolescentes, pela perda do sentido de pertença (Siqueira & Dell’Aglia, 2006). Se por um lado, o objetivo do acolhimento residencial é proteger a criança ou jovem, oferecendo-lhe condições de desenvolvimento e de bem-estar que não são asseguradas pelo contexto familiar, por outro, este processo pode originar consequências maiores nestas crianças já de si sensibilizadas, fragilizadas e carenciadas (Alberto, 2008). Deste modo, a instituição tem um papel crucial, na promoção de sentimentos de segurança, através do apoio emocional, como também, na determinação de limites e regras, que de alguma forma promovam a organização e a estabilidade nestes adolescentes (Alberto, 2008; Mota & Matos, 2015). É neste contexto que, o papel das figuras significativas, nomeadamente, o grupo de pares e os funcionários da instituição (desde diretores, técnicos, professores, assistentes, cozinheiros, entre outros) assumem maior relevância no processo de adaptação dos adolescentes (Mota & Matos, 2015).

³ Nem todas as crianças e jovens que se encontram em acolhimento institucional, manifestam as consequências do impacto das condições da adversidade. As diferenças individuais podem contribuir para um desenvolvimento normativo (Batista, et al, 2015).

Em particular, o grupo de pares representa para o adolescente uma importante fonte de apoio e compreensão. Contudo, algumas destas relações podem revelar-se mais frágeis, sendo consideradas de pouca durabilidade e consistência, próprias de uma fase de experimentação e estruturação interna (Mota & Matos, 2008). Muito frequentemente, os adolescentes em acolhimento residencial apresentam uma vinculação insegura e parecem, não ter desenvolvidas competências de comunicação recíproca, podendo até apresentar poucas competências ao nível da regulação emocional. Como resultado, estes adolescentes podem desenvolver relações mais pobres entre pares (Jacobvitz & Hazen, 1999), desencadeando comportamentos agressivos e hostis, mostrando expressões mal adaptativas de um desejo de aceitação e proximidade (Crittenden, 1992, in Mota & Matos, 2010). Esta forma de ver o mundo pode ser a reprodução dos modelos relacionais disfuncionais aprendidos na infância. Por consequência, as experiências vividas no grupo de pares, mais especificamente ao nível das relações íntimas, poderão condicionar a forma, mais ou menos saudável, com que os adolescentes vivem e viverão as relações de intimidade na fase adulta (Nobre-Lima, 2000; Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2007).

2. Adolescência, relações de intimidade e violência

A adolescência é um período de profundas transformações biopsicossociais, nomeadamente no sistema emocional, cognitivo e comportamental (Monteiro & Santos, 2001). Machado (2007) refere que o período da adolescência é um *“tempo da descoberta de novas emoções, como o comprometimento numa relação amorosa e o que esta implica de exaltação da paixão e partilha de uma nova intimidade”* (p.15). Nesta fase, os adolescentes buscam relacionamentos cada vez mais íntimos, quer emocional como fisicamente (Collins, Welsh & Furnman, 2009). Neste processo, os adolescentes podem de igual forma descobrir sentimentos destrutivos em consequência da rejeição ou rutura (Claes, 2004 in Machado, 2007). Um relacionamento amoroso, pode definir-se como uma ligação contínua, dinâmica, emocional e sexualmente recíproca, que se vai estabelecendo entre duas pessoas (Karney,

Beckett, Collins & Shaw, 2007, in, Volpe, Morales-Alemán & Teitelman, 2014). Num sentido mais lato, estas experiências “amorosas” podem não envolver diretamente um parceiro romântico, mas sim fantasias e *crushes*⁴ ou ainda, envolvimento casuais com potenciais parceiros românticos (Collins, et al, 2009). A forma como os adolescentes estabelecem as suas relações amorosas, vão ser baseadas nas representações relacionais que construíram na infância.

a. Violência nos relacionamentos de intimidade

Já muito se falou sobre o impacto que as primeiras experiências relacionais possuem na determinação de padrões semelhantes nas relações futuras (Wolfe, 1999). Adolescentes que vivenciaram experiências de maus tratos na infância, podem desenvolver “*padrões precoces de uma dinâmica violenta em relações de intimidade*” (Nobre-Lima, 2009, p.70).

A história tem mostrado a violência como prática comum sob as mais variadas formas (Gelles, 1997 citado por Caridade, 2011). De acordo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência é definida pelo “*uso intencional da força física ou poder, ameaçado ou perpetrado, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação*”. A violência nas relações de intimidade distingue-se das restantes formas de violência pelo contexto romântico em que ocorre (Wolfe, Crooks, & Scott, 2005).

Lewis e Fremouw (2001), associam a violência na intimidade, a uma panóplia de comportamentos que atuam sob forma de dominar, controlar ou denegrir o parceiro íntimo, causando e algum tipo de dano físico, psicológico, ou de outro tipo (Wekerle & Wolfe, 1999; Wolfe, Crooks, & Scott, 2005).

A violência nos relacionamentos íntimos é uma consequência da interação de vários fatores. Ao nível individual, os fatores de risco de violência na relação de intimidade passam por baixa autoestima, fraca capacidade de deslindar problemas e fraca habilidade na resolução de conflitos, aceitação do comportamento violento por parte do (a) parceiro (a) ou acreditar que a prática

⁴ O termo *crush* significa experienciar uma atração pelo outro.

destes comportamentos abusivos é normal. Os fatores de risco familiares mais preponderantes na violência nas relações de intimidade vão desde o maltrato infantil, ter um histórico de violência doméstica na própria família, baixa supervisão parental, baixo suporte social, entre outros (Knox, Lomonaco & Alpert, 2009).

Wekerle e Wolfe (1999) referem três tipos frequentemente estudados de violência nas relações de intimidade – abuso físico; abuso psicológico, emocional ou verbal; e por último, abuso sexual. O abuso físico inclui um amplo espectro de comportamentos, que vão desde, arranhar, bater, empurrar, morder, asfixiar, queimar (ibidem). O abuso psicológico/ emocional e/ou verbal está intimamente ligado ao uso do insulto, criticar, humilhar, ameaçar, manipulação emocional (Draucker, et al., 2010; Smith & Donnelly, 2001). Um outro comportamento que se enquadra nesta tipologia é a capacidade de o agressor destruir a autoestima do parceiro, afastando-o da família, amigos, tornando-o, assim, mais vulnerável (Smith & Donnelly, 2001). Por fim, o abuso sexual pode envolver tentativa e/ou violação e outras formas de coerção sexual, como por exemplo não usar preservativo ou qualquer outro método anticoncepcional (Miller, et al., 2007).

Makepeace (1981) foi o pioneiro no estudo das relações abusivas entre jovens. Este estudo concluiu que um em cada cinco estudantes universitários já foram vítimas de violência por parte do parceiro e que 61% conhecia alguém que já tinha sido alvo de comportamentos abusivos no namoro. Desde então, o estudo da violência nas relações de intimidade entre adolescentes assumiu um papel importante na literatura (Caridade, 2011; Caridade & Machado, 2013).

A literatura aponta para que a prevalência da violência nas relações de intimidade entre adolescentes, está estimada entre 9% e 30% de jovens que já experienciaram ou perpetraram comportamentos violentos com o (a) parceiro (a) (Knox, Lomonaco, & Alpert, 2009).

Malik, Sorenson e Aneshensel (1997) realizaram um estudo com 707 estudantes do ensino secundário cujas conclusões revelam que 39.3% dos inquiridos reportara o uso de comportamentos violentos numa relação, enquanto, 38.2% afirmara ter sido alvo de comportamentos agressivos numa relação. Constataram, também, que as raparigas relatam perpetrar mais comportamentos

violentos na relação de intimidade do que os rapazes.

Wekerle et al. (2009) constatam que dos 409 adolescentes entregues aos cuidados dos serviços de proteção à criança, mais de metade das raparigas (63-67%) e quase metade dos rapazes (44-49%) alude vivenciar comportamentos violentos nas suas relações íntimas.

No panorama nacional, os estudos empíricos sobre esta problemática encontram-se em grande expansão (Paiva & Figueiredo, 2004; Caridade, 2011). Machado et al. (2003, in Machado, Caridade & Martins, 2010) verificaram que 15,5% de estudantes universitários reportaram ter sido vítima de algum abuso nas relações de intimidade, enquanto, 21,7% admitiu ter-se comportado de forma abusiva nos seus relacionamentos íntimos. Por sua vez, Paiva e Figueiredo (2004) constataram que, em termos da perpetração e da vitimização, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais frequente (53.8%-50,8%), seguido da coerção sexual (18.9%-25,6%,) e do abuso físico menor (16.7%- 15,4%,), sendo que o abuso físico com sequelas, é o menos frequente (3.8-3.8%).

Num estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e não institucionalizados, Fonseca (2015) revela que os primeiros não diferem substancialmente dos segundos nas suas experiências de violência no namoro. Os dois grupos referem a utilização de estratégias de resolução de conflito positivas, assim como afirmam ser tanto vítimas como perpetradores de violência verbal. No que diz respeito à perpetração de violência física, os jovens institucionalizados quando comparados com adolescentes que vivem com as suas famílias apresentam índices de violência mais elevados.

3. Experiências adversas precoces de vida

As experiências adversas precoces, como os maus tratos, são cruciais na forma como os adolescentes institucionalizados se percebem a si próprios, aos seus cuidadores e ao mundo. A forma como as crianças maltratadas perspetivam as experiências vividas no contexto familiar pode assumir-se como um importante mediador do seu desenvolvimento, em diversos contextos (Sousa & Cruz, 2010). As relações precoces que os adolescentes institucionalizados estabeleceram com os seus cuidadores podem favorecer o aparecimento de

modelos representacionais desajustados, uma vez que, este é o único tipo de “amor” que conhecem.

Alguns estudos na área das neurociências da emoção mostraram a existência de três sistemas⁵ reguladores da emoção essenciais à sobrevivência da espécie humana – o sistema de ameaça e proteção, o sistema de procura (*drive*) e de vitalidade e o sistema de *soothing*, contentamento (*safeness*) e vinculação (Depue & Morrone-Strupinsky, 2005, in Castilho, 2011). A forma como os indivíduos interpretam e reagem ao comportamento dos outros é determinada por estes sistemas de regulação emocional, tendo por base os modelos de representações adquiridas na infância. Gilbert et al. (2003) referem que as experiências adversas (tais como, abuso, negligência, rejeição, humilhação, críticas e/ou estilos parentais rígidos) ocorridas na infância estão associadas a uma série de problemas psicológicos na vida adulta. Também há evidências de que estas experiências estão associadas com várias respostas ao stress e á sobrestimulação do sistema de ameaça/defesa (Castilho, 2011; Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey, & Irons, 2003; Perry, Pollard, Blakley, Baker, & Vigilante, 1995). Por sua vez, este sistema é responsável por uma resposta emocional automática (por exemplo, ansiedade, raiva ou aversão) que vai desencadear uma resposta comportamental de proteção (por exemplo, fuga, luta ou submissão) (Castilho, 2011; Gilbert, 2001). Contudo, quando as relações são marcadas pelo calor, afeto e cuidado desde o nascimento e durante a infância, ativam e permitem a estimulação do sistema de afiliação e segurança, que será facilmente acedido perante falhas ou dificuldades, permitindo a autotranquilização e *soothing* do *self* (Gilbert et al., 2006).

À luz da teoria da vinculação, a qualidade da relação parental tem um impacto significativo sobre a confiança, resiliência (Rutter, 1987, in, Lereya, Samara, & Wolke, 2013) e bem-estar do indivíduo (Herz & Gullone, 1999).

⁵ Estes sistemas possuem uma natureza interativa e recíproca. No entanto, cada um deles reage a sinais/estímulos específicos. Relativamente ao sistema de ameaça e proteção, “*a sua função básica prende-se com o detetar estímulos de ameaça com rapidez, e, acionar as respostas emocionais (e.g., ansiedade, raiva e aversão), cognitivas e comportamentais específicas (e.g, luta, fuga, submissão ...)* Marks, 1987; Gilbert, 2000c, 2001c” (Castilho, 2011, p. 39). O sistema de procura ou *drive* caracteriza-se pelo “*esforço e orientação para objetivos valorizados, reforçadores e que transmitam segurança*” (ibidem). O sistema de contentamento ou *safeness* permite-nos sentimentos de tranquilizar o outro e ser tranquilizado, através da desativação dos outros sistemas supramencionados (Castilho, 2011).

Desta forma, quando as experiências precoces são de carinho e de proteção promovem no indivíduo um sentimento de ser amado e desejado e conseqüentemente, este desenvolve “*estratégias cooperativas e afiliativas que englobam emoções e motivos congruentes (e.g., simpatia e empatia)*” (Castilho, 2011, p. 46).

Não obstante, Gilbert et al. (2003) consideraram esta teoria reducionista, pois apenas se foca na ausência de afeto ou controlo parental. Desta forma, desenvolveram a teoria de ranking social, em que sugerem que o relacionamento entre pais e filhos é também uma relação de poder/hierarquia. De acordo com esta teoria, quando confrontados com ambientes de stresse, medo ou ameaça, os indivíduos podem adotar vários comportamentos defensivos, desde rebaixamento, subordinação, entre outros. Por exemplo, quando as crianças têm medo dos próprios pais, assumem uma posição subordinada na família, e “*associam-se à inibição do comportamento assertivo, à desistência perante desafios, ao apaziguamento do comportamento dos outros, falta de iniciativa ou afirmação em contextos sociais e reduzida experiência de afeto positivo*” (Gilbert, 2000a; Gilbert et al., 2002, in Castilho, Gouveia, & Amaral, 2010, p. 479). Assim, o desenvolvimento de compaixão e comportamentos de tranquilização ficam comprometidos, tanto na relação com os outros como com o próprio (ibidem).

Quando as experiências precoces são adversas há uma tendência para serem correlacionadas a uma maior vulnerabilidade para a psicopatologia (Bifulco & Moran, 1998; Parker, 1983; Perris, 1994; Rohner, 2004, in Richter, Gilbert, & McEwan, 2009) e também para sentimentos de vergonha (Cunha, Xavier, Matos, & Faria, 2015; Matos & Pinto-Gouveia, 2010).

4. A vergonha

As interações adversas na infância, quando consideradas significativas e recordadas como experiências de vergonha, podem ser interiorizadas como traumáticas, moldando a forma como o indivíduo atribui significados a experiências futuras e influenciando a criação de expectativas (Berntsen & Rubin, 2006; Matos & Gouveia, 2010) e dinâmicas de interação social (Pinto-

Gouveia, Castilho, Matos, & Xavier, 2013). Por essa razão, é importante explorar as experiências de vergonha.

As relações sociais são a fonte das maiores alegrias e das mais profundas tristezas e decepções do indivíduo (Gilbert, 1989, 2002b; Lyubomirsky, 2001; Safran & Segal, 1990, in Castilho, 2011). Com efeito, a forma como os indivíduos se relacionam com os outros (independentemente de ser uma relação com sucesso ou não) contribuem para essência do mesmo, regulando a sua identidade, valores, sentimentos e estados de humor (ibidem).

A ideia de que a vergonha é especificamente social surge com a perspectiva integradora e evolutiva que Paul Gilbert (1995; 1998; 2002; 2009) apresenta no seu modelo biopsicossocial da vergonha (Cunha, Matos, Faria, & Zagalo, 2012).

De acordo com este modelo biopsicossocial pode-se distinguir dois tipos de vergonha, a interna e a externa. A vergonha interna traduz-se numa experiência interna de autoavaliação de pontos fracos do Eu (Gilbert, 1998), manifestados em pensamentos automáticos de uma visão negativa de si (Tangney & Dearing, 2002). Por sua vez, quando o indivíduo experiencia sentimentos de vergonha externa, irá perceber-se como inferior e indesejado e é na forma como considera que poderá existir na mente do outro que irá focar a sua atenção, uma vez que está perante a perda de sinais de validação e percepção de sinais de inadequação e inatratividade (Matos, Pinto-Gouveia & Duarte, 2012). Por outras palavras, quando o indivíduo experiencia vergonha, torna-se consciente como um objeto na mente do outro, o que lhe pode provocar sentimentos de inferioridade, impotência, nojo e aversão (Cunha, et al. 2012; Gilbert, 2002).

Ao longo da vida, as experiências de vergonha podem ocorrer em vários contextos, sejam eles, familiar ou social. Esses mesmos contextos definem o que é percebido como aceite ou atraente, ou pelo contrário como desinteressante, rejeitado e estranho (Cunha, Matos, Faria & Zagalo, 2012).

Cunha, Matos, Faria e Zagalo (2012) referem que um dos indicadores iniciais da vergonha tem lugar nas interações no meio familiar,

na forma de crítica dos pais, (...), rejeição, favoritismo de irmãos

(Gilbert, Allan & Goss, 1996; Tangney & Dearing, 2002), negligência (Claesson & Sohlberg, 2002), ameaça e submissão (Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey, e Irons, 2003) e abuso verbal, físico e sexual (Andrews, 1998, 2002; Feiring, Taska, & Lewis, 2002; Stuewig & McCloskey, 2005; Teicher, Samson, Polcari, & McGreenery, 2006) (p.205).

A vergonha desempenha um papel fulcral na forma como o indivíduo se comporta, uma vez que determina o comportamento em contextos sociais influenciando os sentimentos que percebemos de nós próprios, contribuindo na formação da nossa identidade, aceitabilidade e desejabilidade social (Gilbert, 1998; Tangney & Dearing, 2002; Pinto-Gouveia & Matos, 2011).

Muito sucintamente, esta revisão de literatura procura ilustrar o impacto que as experiências adversas e de vergonha na infância podem ter na forma como os adolescentes institucionalizados vivem as suas relações amorosas.

II - Objetivos

A violência nas relações de intimidade juvenil tem sido alvo de preocupação por parte da comunidade científica. Se a adolescência é o período de estabelecimento das primeiras relações significativas com os pares, sejam elas de amizade ou românticas, como será que adolescentes que tiveram uma trajetória de desenvolvimento marcada por reconhecidos fatores de risco como os maus tratos e pela experiência da inatucionalização vivem estas relações? É frequentemente demonstrado pela literatura, uma associação entre experiências precoces adversas e a perpetração da violência física e psicológica e vitimização nas relações de intimidade entre adolescentes. Estas interações negativas na infância também podem ter como consequência o desenvolvimento de sentimentos de vergonha.

Em Portugal, à semelhança do quadro internacional, o estudo científico da violência nas relações de intimidade juvenil tem-se suportado maioritariamente em amostras de estudantes universitários (Caridade, 2011). No entanto, *“não há muitas investigações sobre a violência no namoro com jovens entregues aos serviços de proteção de menores, embora estes sejam claramente um dos grupos de alto risco, no que diz respeito a disfunções de relacionamentos”* (Wekerle, et al., 2009, p. 47).

Posto isto, a presente dissertação pretende dar um contributo à exploração da manifestação de violência nas relações de intimidade juvenil de adolescentes institucionalizados. Para o efeito, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- analisar a expressão dos comportamentos de violência na intimidade juvenil, perpetrados e sofridos, numa amostra de adolescentes institucionalizados tendo em conta o sexo, a idade, a escolaridade, a duração no namoro e o tempo de institucionalização;
- analisar as relações que existem entre as memórias das experiências negativas na infância, a vergonha, interna e externa, e a violência nas relações de intimidade;
- analisar o papel mediador da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência no namoro, tanto perpetrada como sofrida.

Considerando os objetivos supramencionados, segue-se a metodologia utilizada e apresentação dos resultados obtidos.

III - Metodologia

1. Caracterização da amostra

Este estudo é composto por uma amostra de 170 adolescentes que se encontram em acolhimento residencial ao abrigo da Lei n.º 142/2015, de 8 de setembro: Segunda alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos ($M=15.89$; $DP=1.56$). A amostra é composta maioritariamente por adolescentes do sexo feminino (61,2%) e por jovens de nacionalidade portuguesa (92,4%), e apenas 7% sujeitos eram de outras nacionalidades⁶. Os sujeitos que compõem esta amostra frequentam maioritariamente o 3º ciclo de escolaridade e residem em áreas moderada e predominantemente urbanas, tendo a amostra sido recolhida nas zonas norte, centro e sul de Portugal (cf. tabela 1a.).

⁶ As nacionalidades compreendidas na amostra, à exceção da portuguesa, são: Guineense, Brasileira, Moçambicana, Cabo Verdiana e Angolana.

Tabela 1a. Características gerais da amostra (n=170).

	n	%
Sexo		
Masculino	66	38.8
Feminino	104	61.2
Idade		
13	12	07.1
14	24	14.1
15	32	18.8
16	37	21.8
17	41	24.1
18	16	09.4
19	08	04.7
Nacionalidade		
Portuguesa	157	92.4
Outras	13	07.7
Escolaridade		
2º ciclo ⁷	24	14.2
3º ciclo	92	54.5
Ensino secundário	53	31.3
Residência		
Predominantemente urbana	72	42.4
Moderadamente urbana	85	50.0
Predominantemente rural	13	07.6

Uma vez que a presente dissertação aborda as relações de violência na intimidade juvenil foram consideradas não só as relações de namoro, como também as relações de intimidade sem compromisso. No Tabela 1b encontram-se apresentadas as características dos tipos de relação com ou sem compromisso, tendo em conta as questões colocadas no questionário sociodemográfico.

⁷ No 2º ciclo estão incluídos os sujeitos que frequentam os 5º e 6º anos de escolaridade e no 3º ciclo estão englobados os sujeitos que frequentam os 7º, 8º e 9º anos de escolaridade.

Tabela 1b. Frequências absolutas e relativas do tipo de relação amorosa e de características do envolvimento (n=170)

	n	%
Namoro ou já namorei	158	92.9
Envolvimento sem compromisso	12	7.1
Idade de início de namoro		
6 – 13	96	61.1
14 – 18	61	38.6
Número de namorados		
1	22	14.2
2	42	27.1
3	35	22.6
4 ou mais	56	36.1
Relações sexuais no namoro		
Sim	87	55.1
Não	71	44.9
Duração do namoro (meses)		
1 – 12	93	59.6
13 – 24	41	26.2
25 – 36	18	11.3
37 – 48	3	1.9
48 – 60	1	0.6
Envolvimento sem compromisso (parceiros)		
1 – 5	5	49.4
6 – 10	5	49.4
Ausentes	2	1.2
Relações sexuais sem compromisso		
Sim	8	80.0
Não	2	20.0

Através da observação da tabela 1b) pode constatar-se que ao nível do tipo de relação, a maior parte dos sujeitos que compõem esta amostra referem estar ou ter estado envolvidos numa relação de namoro (92.9%), enquanto um número muito reduzido dos sujeitos relata estar envolvido em relações sem compromisso (7.1%)⁸.

⁸ Tendo em conta que o reduzido número de sujeitos que experienciaram envolvimento sem compromisso, na análise de dados, estes foram considerados conjuntamente com os que vivem/viveram

No que diz respeito à idade de início de relação de namoro verifica-se que os sujeitos iniciaram uma relação com compromisso entre os 12 e os 15 anos ($M=12.55$; $DP= 2.26$). Pode ainda observar-se que a frequência de parceiros nestas relações é de quatro ou mais parceiros ($M=13.82$; $DP=11.829$).

Relativamente à duração das relações de namoro, esta varia entre os 1 mês e os 60 meses, com maior evidência nas relações de 1 ano ($M=13.82$; $DP=4.763$). Em relação à prática de relações sexuais no namoro verifica-se que 51.2% da amostra já teve relações sexuais.

No que concerne às relações de envolvimento sem namoro, verifica-se que a frequência do envolvimento sem compromisso varia entre 1 parceiro e 10 parceiros ($M=8.20$; $DP=8.664$). Os sujeitos que manifestaram relações de envolvimento sem namoro referem que maioritariamente mantiveram relações sexuais (4.7%).

Em relação aos adolescentes que se encontram em acolhimento residencial foram recolhidos alguns dados no questionário sócio-demográfico e que a seguir se descrevem (cf. tabela 1c).

relações com compromisso, isto é, de namoro.

Tabela 1c. Dados do questionário sociodemográfico referentes à institucionalização (n=170)

	n	%
Tempo de institucionalização		
(meses)		
0 – 12	84	49.4
13 – 24	59	18.9
25 – 48	27	16.0
49 – 192	27	16.0
Outras instituições		
Não	124	72.9
Sim	46	27.1
Quantas?		
1	24	14.1
2	14	8.2
3	2	1.2
4	6	3.5
Motivo		
Não sabe	14	8.2
Absentismo escolar	30	17.6
Maus tratos	25	14.7
Problemas familiares	43	25.3
Comportamento de risco	24	14.1
Sem abrigo	8	4.7
Vontade própria	7	4.1
Sabe, mas não quer dizer	18	10.6
Acumulação de processos	1	0.6
Tipo de instituição		
Mista	28	16.5
Rapazes	52	30.6
Raparigas	90	52.9

O tempo de acolhimento é em média de 2 anos ($M=28.09$; $DP=34.01$) e a maioria encontra-se pela primeira vez, numa instituição. Quanto ao motivo relacionado à institucionalização, grande parte revela ser devido a problemas familiares (e.g. mau relacionamento com os pais, falta de condições de habitabilidade), seguindo-se de absentismo escolar.

2. Instrumentos

O protocolo de avaliação é composto por um breve questionário

sociodemográfico e quatro escalas de autorresposta, que serão descritos, detalhadamente, nos pontos seguintes.

a) Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi construído com o intuito de recolher informação relevante para caracterizar a amostra em estudo. Este instrumento permitiu a avaliação de um conjunto de variáveis sociodemográficas potencialmente relevantes na caracterização da amostra, nomeadamente, idade, sexo, nacionalidade, escolaridade, tempo de institucionalização, em quantas instituições já residiram, o motivo e o tipo institucionalização, qual a área de residência, e, ainda, se já tiveram envolvidos numa relação com ou sem compromisso (cf. Anexo 1).

b) Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro entre Adolescentes (CADRI; Wolfe, Scott, Straatman, Grasley & Reitzel-Jaffe, 2001; Saavedra, Machado, Martins & Vieira, 2008)

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* – CADRI – (cf. Anexo 3). Este instrumento de autorrelato permite avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, sendo que faz a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do(a) parceiro(a). Os itens que o compõem referem-se aos comportamentos do indivíduo e aos comportamentos de que é alvo por parte do outro elemento da relação. A escala dirige-se a jovens com experiência atual ou passada de envolvimento em relações amorosas, sendo dirigida a alunos do ensino secundário ou com idade superior a 14 anos de idade (Saavedra, 2010).

Este inventário é constituído por 35 itens, avaliados numa escala de 1 a 4, sendo que ao 1 corresponde “Nunca”, ao 2 corresponde “Raramente”, ao 3 corresponde “Às Vezes”, e ao 4 corresponde “Frequentemente”. A versão CADRI original compreende oito subescalas: violência física, violência sexual, violência emocional ou verbal, comportamentos agressivos, abuso relacional, estratégias de resolução de conflitos abusivas, estratégias de resolução de conflitos positivas

e comportamentos violentos, no entanto, na versão portuguesa, os tipos de violência não constituem fatores robustos que permitam o agrupamento dos itens dessa forma (Saavedra, 2010).

No que diz respeito às características psicométricas do instrumento na versão portuguesa, os coeficientes obtidos para a consistência interna, calculados através do *alpha de Cronbach*⁹, quer para o instrumento (0.90) quer para as duas dimensões avaliadas – comportamento do próprio (0.82) e comportamento do outro (0.81), revelam bons indícios de uma boa consistência interna (Saavedra, 2010).

No presente estudo, o valor da consistência interna, avaliado pelo *alpha de Cronbach* é de 0.92. Para as estratégias abusivas de resolução de conflitos, na dimensão do comportamento do próprio, obteve-se um coeficiente de 0.84 e para a dimensão do comportamento do outro, um coeficiente de 0.85. Para as estratégias positivas de resolução de conflitos indicam para o comportamento do próprio, um coeficiente de 0.78 e para o comportamento do outro um coeficiente de 0.81. Por fim, para o fator comportamentos violentos, o comportamento do próprio obteve um coeficiente de .823 e o comportamento do outro .823. Posto isto, podemos aferir que este instrumento apresenta bons níveis de consistência interna.

c) Escala da Vergonha Externa (Other as Shamer – OAS; Goss, Gilbert & Allan, 1994; Matos, Pinto-Gouveia & Duarte, 2011)

A Escala da Vergonha Externa (OAS) é constituída por 18 itens que têm por objetivo avaliar aquilo que as pessoas pensam acerca da forma como os outros as veem. Assim, o que é pedido aos sujeitos é que respondam aos itens, em relação à frequência com que sentem ou experienciam aquilo que é descrito, sendo que a escala é tipo *Likert* de 5 pontos que varia entre 0 (Nunca) e 4 (Sempre). Esta escala compreende três fatores: inferioridade”, “vazio” e “reação aos erros dos outros”. O primeiro fator, “inferioridade”, avalia a perceção do indivíduo como sendo inferior aos outros; o segundo fator, “vazio”, mede a

⁹ Para avaliar o índice de consistência interna teve-se como referência os seguintes valores: iguais ou superiores a 0.90 são considerados “muito bons”, valores que se situem entre 0.80 e 0.90 consideram-se “bons”, entre 0.70 e 0.80 são “razoáveis”, entre 0.60 e 0.70 são “fracos”, e valores inferiores a 0.60 são “inadmissíveis” (Pestana & Gageiro, 2008).

percepção de que os outros nos vêm como sendo incompletos, vazios e insatisfeitos; o terceiro fator, “reação dos outros aos erros”, avalia a percepção que o indivíduo tem da forma como os outros reagem quando este comete um erro. Pontuações mais altas nesta escala evidenciam comportamentos de vergonha externa (cf. Anexo 4).

No que concerne às características psicométricas, a versão portuguesa da escala apresentou uma elevada consistência interna, com um *alpha de Cronbach* de 0.92, para o total da escala. Na presente amostra, esta escala revelou um índice elevado de consistência interna, com um *alpha de Cronbach* de 0.95.

d) Escala da Vergonha Interna (Internalized Shame Scale – ISS; Cook, 1994; Matos & Pinto-Gouveia, 2006)

A Escala de Vergonha Interna (Matos & Pinto-Gouveia, 2006) procura avaliar sentimentos de autodesvalorização nos indivíduos, cujo objetivo primordial se centra na avaliação da vergonha como traço de personalidade, ou seja, uma característica estável da personalidade em adolescentes e adultos.

A versão portuguesa desta escala, em semelhança ao original, é composta por 30 itens que estão divididos em duas subescalas, em que uma avalia a vergonha interna/internalizada e a outra avalia a autoestima. A subescala da vergonha internalizada é avaliada por 24 itens formulados na negativa. A subescala da autoestima é avaliada por 6 itens, formulados na positiva. Cada item é cotado numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, em que 0 corresponde a “Nunca e 4 a “Quase Sempre”. As pontuações mais elevadas na escala revelam maiores índices de vergonha interna (cf. Anexo 5).

Na versão original os coeficientes de correlação foram elevados, sendo o valor de *alpha de Cronbach* de .95 e .90 para as subescalas da vergonha interna e autoestima, respetivamente. Por sua vez, na versão portuguesa, o valor de *alpha de Cronbach* foi de .95 e .85 para a subescala de vergonha e autoestima, respetivamente, revelando assim uma excelente consistência interna (Matos, Pinto-Gouveia & Duarte, 2012).

e) Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes (ELES-A; Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey & Irons, 2003; Pinto-Gouveia, Xavier & Cunha, 2012)

A Escala de Experiências Precoces de Vida para Adolescentes tem como finalidade explorar as memórias de infância dos jovens (cf. Anexo 6). É constituída por 15 itens que avaliam a evocação de experiências de ameaça, de subordinação e de desvalorização. Para responder a cada um dos itens é utilizada uma escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos, sendo que a 1 corresponde a “Completamente falso” e a 5 corresponde a “Muito Verdadeiro”. Considerando a cotação original, este instrumento assume três subescalas: Ameaça, Subordinação e Desvalorização. Pode ser formulada uma pontuação total, cujos resultados elevados indicam níveis mais elevados de experiências precoces de ameaça, subordinação e desvalorização face ao contexto familiar (Pinto-Gouveia, Xavier & Cunha, 2013).

Este instrumento tem apresentado boas qualidades psicométricas, na versão portuguesa obteve um *alpha de Cronbach* entre 0.68 e 0.86 (Pinto-Gouveia, Xavier & Cunha, 2012).

No presente estudo, este instrumento também revela boas qualidades psicométricas, uma vez que apresenta um *alpha de Cronbach* 0.86. No que diz respeito às três subescalas, para a escala de ameaça obtém um *alpha de Cronbach* de 0.83, para a escala de subordinação, de 0.82 e para a escala de desvalorização de 0.79.

f) Procedimentos

Seleção e recolha da amostra

A recolha da amostra foi realizada através de um pedido de colaboração formal, via telefónica e, posteriormente, por *e-mail* dirigido aos Diretores Técnicos de cada instituição (cf. Anexo 2). Os protocolos foram aplicados e recolhidos presencialmente. No total foram obtidos 13 pareceres favoráveis à aplicação dos questionários.

Aplicação do Protocolo

A aplicação deste protocolo foi realizada junto de adolescentes integrados em Lares de Infância e Juventude e Centros de Acolhimento Temporário. Numa primeira fase, foi explicado aos participantes os objetivos e a natureza voluntária desta investigação, deixando claro que os dados recolhidos seriam utilizados, unicamente, para fins académicos e assegurado que toda a informação seria de carácter estritamente confidencial. Algumas instituições pediram para lhes serem facultados os resultados deste estudo. A aplicação dos questionários foi feita em grupo, supervisionada pela investigadora e técnicos da instituição.

Análise e tratamento dos dados estatísticos

Numa primeira fase, foi atribuído a cada protocolo, de forma aleatória, um número de identificação. Em seguida, os dados foram introduzidos na aplicação informática de tratamento e análise estatística SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22.0, para o sistema operativo *Microsoft Windows*, procedendo à análise dos mesmos, através de diversos procedimentos estatísticos:

- i. Foi realizada uma análise das respostas ausentes aos itens de ambos os questionários (*missing-values*);
- ii. Estatísticas descritivas de tendência central e dispersão;
- iii. Teste *t* de Student para amostras independentes de modo a estabelecer comparações entre as médias de cada dimensão da expressão total da violência na amostra geral;
- iv. Análise univariada da variância (ANOVA), seguida de um teste de *post-hoc* de Tuckey de comparações múltiplas de médias.
- v. Cálculo de coeficiente de correlação de Pearson para os estudos das correlações.
- vi. Análise da regressão hierárquica por blocos para predição da vitimização e da perpetração nas relações de intimidade juvenil com mediação das vergonhas por sexo.

IV - Resultados

1. Prevalência dos comportamentos de violência nas relações de intimidade juvenil

Os resultados da prevalência do tipo de violência¹⁰ infligida e sofrida pelos adolescentes institucionalizados nas suas relações de intimidade são apresentados nas tabelas 2, 3 e 4.

A tabela 2 refere-se às estratégias abusivas tanto perpetradas como sofridas na resolução de conflitos.

Tabela 2. Frequências relativas às estratégias abusivas de resolução de conflitos (n=170)

Itens	Vitimização (%)		Perpetração (%)	
	Sim	Não	Sim	Não
3. “Colocar os amigos contra o outro”	15,9	84,1	7,1	92,9
4. “Provocar ciúmes”	71,8	28,2	65,3	34,7
7. “Relembrar coisas do passado”	51,8	48,2	50,6	49,4
9. “Dizer coisas para deixar o(a) parceiro(a) furioso”	56,5	43,5	45,3	54,7
12. “Falar num tom agressivo”	48,8	51,2	50,0	50,0
17. “Insultar com coisas humilhantes”	26,5	73,5	24,7	75,3
20. “Contas coisas aos amigos para os por contra ele(a)”	10,6	89,4	5,9	94,1
21. “Gozar ou fazer pouco do(a) parceiro(a) em frente aos outros”	16,5	83,5	12,4	87,6
23. “Controlar com quem está o(a) parceiro(a)”	53,5	46,5	49,4	50,6
24. “Culpar o(a) parceiro(a) pelo problema”	38,2	61,8	38,8	61,2
28. “Acusar o(a) parceiro(a) de se meter com outros(as), rapazes/raparigas”.	44,7	55,3	45,9	54,1
32. “Ameaçar terminar o namoro”	34,7	65,3	64,1	35,9
35. “Espalhar boatos contra o(a) parceiro(a)”	6,5	93,5	3,5	96,5

É possível verificar que em algum momento, os adolescentes institucionalizados já utilizaram e/ou foram alvo de estratégias abusivas aquando

¹⁰ De forma a verificar quais os tipos de violência mais perpetrados pelos adolescentes, através do SPSS, procederam-se à recodificação das respostas aos itens, relativamente ao CADRI, sendo que: os valores de “raramente”, “às vezes” e “frequentemente” foram agregados e passaram a corresponder a “SIM”, o valor “nunca” passou a corresponder a “NÃO”.

um conflito, nomeadamente, “falar num tom agressivo” (50%-48.8%), “controlar com quem está o (a) parceiro (a)” (49.4%-53.5%), ou, “dizer coisas para deixar o (a) parceiro (a) furioso” (45.3%-56.5%) , um exemplo disso poderá ser através de “recordar coisas do passado” (50.6% - 51.8%), ou então, “acusar o (a) parceiro (a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes” (45.9%-44.7%). Há uma maior vitimização e perpetração na estratégia “provocar ciúmes” (71.8%-65.3%, respetivamente). Todavia, observa-se, por grande parte da amostra, uma baixa experienciação e utilização destas estratégias nas suas relações amorosas, como por exemplo, “espalhar boatos contra o(a) parceiro(a)” (6.5% e 3.5%); “colocar os amigos contra o outro” (15.9%-7.1%); “gozar ou fazer pouco do(a) parceiro(a) em frente aos outros” (16.5%-12.4%); “insultar com coisas humilhantes” (26.5%-24.7%). A estratégia cujo resultado aponta para uma disparidade em termos de perpetração e vitimização é “ameaçar terminar o namoro”, sendo que estes adolescentes referem mais fazerem esta ameaça (64,1%) do que serem alvo dela (34.7%, respetivamente). De um modo geral é possível constatar que os adolescentes institucionalizados sentem que o seu par amoroso utiliza mais estratégias abusivas que o próprio nas suas relações amorosas.

Na tabela seguinte estão retratados os resultados obtidos nas pontuações dos comportamentos praticados e sofridos nas estratégias positivas de resolução de conflitos.

Tabela 3. Frequências relativas às estratégias positivas de resolução de conflitos (n=170)

Itens	Vitimização (%)		Perpetração (%)	
	Sim	Não	Sim	Não
1. “Apresentar os motivos”	91,8	8,2	90,6	9,4
6. “Admitir culpa”	83,5	16,5	82,9	17,1
10. “Dar razões ao(à) parceiro(a) que estava errado(a)”	64,1	35,9	66,5	33,5
11. “Concordar em parte que o outro estava certo”	85,3	14,7	84,1	15,9
14. “Apresentar uma boa solução para os dois”	82,4	17,6	87,6	12,4
16. “Deixar de falar, até se acalmarem”	75,9	24,1	72,9	27,1
18. “Discutir o assunto calmamente”	84,1	15,9	87,1	12,9
22. “Dizer o que aborrece ao outro”	74,7	25,3	77,1	22,9
27. “Desistir para evitar um conflito”	58,2	41,8	60,6	39,4

Os resultados evidenciam que os adolescentes institucionalizados desta amostra utilizam e são alvo, com muita frequência, de estratégias positivas quando têm um conflito com o (a) parceiro (a). “*Discutir o assunto calmamente*”, “*concordar em parte que o outro estava certo*”, “*admitir a culpa*”, ou “*apresentar uma boa solução para os dois*”, são alguns dos comportamentos mais praticados e sentidos pelos adolescentes desta amostra, revelando pontuações acima dos 80%. O comportamento mais praticado e de que são alvo durante resolução do conflito referido pelos adolescentes da amostra revela ser “*apresentação dos motivos*” do (a) parceiro (a), cujas pontuações são 90.6% e 91.8%, respectivamente.

Na tabela seguinte é apresentada a frequência dos comportamentos violentos praticados e sentidos pelos adolescentes do presente estudo

Tabela 4. Frequências relativas aos comportamentos violentos (n=170)

Itens	Vitimização (%)		Perpetração (%)	
	Sim	Não	Sim	Não
2. “Tocar, sexualmente, contra a vontade do outro”	10,0	90,0	5,9	94,1
5. “Destruir ou ameaçar algo que o outro goste”	16,5	83,5	16,5	83,5
8. “Atirar algo contra o outro”	23,5	76,5	21,8	78,2
13. “Forçar o outro a ter relações sexuais”	7,1	92,9	2,4	97,6
15. “Ameaçar o outro, para tentar ter relações sexuais com ele”	4,1	95,9	2,4	97,6
19. “Beijar o outro quando ele(a) não queria”	30,0	70,0	22,9	77,1
25. “Dar pontapés, bater ou dar murros ao outro”	7,6	92,4	9,4	90,6
29 “Tentar assustar o outro propositadamente”	37,1	62,9	35,9	64,1
30. “Dar uma bofetada ou puxar-lhe o cabelo”	5,3	94,7	12,4	87,6
31. “Ameaçar magoar o outro”	14,1	85,9	11,8	88,2
33. “Ameaçar bater ou atirar com algo”	7,1	92,9	9,4	90,6
34. “Ameaçar empurrar, dar encontrões ou abanar”	88,8	11,2	13,5	86,5

Após a análise dos resultados foi conveniente dividir os comportamentos violentos em três subgrupos: comportamentos de coerção

sexual (itens: 2; 13; 15 e 19), comportamentos de ameaça (itens: 5; 29; 31; 33 e 34), e, comportamentos de agressão física (itens: 8; 25 e 30).

No que diz respeito aos comportamentos de coerção sexual, os adolescentes institucionalizados revelam uma maior vitimização por parte do (a) parceiro (a), por exemplo, 30% admite já ter sido beijada contra a sua vontade, enquanto, 10% refere que já ter sido tocada, sexualmente, contra a sua vontade, e, 4.1% e 7.1 % da amostra revela já ter sido ameaçada e/ou forçada a ter relações sexuais, respetivamente.

Em relação aos comportamentos de ameaça, é possível constatar que a utilização destes comportamentos é recíproca entre os adolescentes da amostra e o seu par amoroso, à excepção de comportamento de ameaças, empurrões ou abanões que é mais sofrido do que utilizado pelos adolescentes institucionalizados (88.8%).

Os resultados, também apontam, para uma maior perpetração de comportamentos de agressão física por parte dos adolescentes institucionalizados com o seu par amoroso. Por exemplo, 12.4% dos adolescentes admitiram que já deram uma bofetada ou puxaram o cabelo ao seu par amoroso e 9.4% reconheceram dar pontapés, bater ou dar murros ao outro. Porém, há uma reciprocidade no comportamento de atirar coisas ao outro, ou seja, 23.5% dos adolescentes confessa ser alvo deste tipo de comportamento violento, e 21.8 % dos adolescentes revelam a utilização deste tipo de comportamento violento durante uma discussão com o par amoroso.

2. Análise dos comportamentos de violência nas relações de intimidade juvenil em função do sexo, da idade e do ciclo de escolaridade

Na tabela 5 encontram-se representados os resultados das experiências de vitimização e perpetração de violência nas relações amorosas, para rapazes e raparigas institucionalizados, tendo em conta os vários fatores do CADRI.

Tabela 5. Médias, desvios-padrão e dos tipos de violência em função do sexo e respetiva comparação estatística (n=170)

Tipos de violência	Masculino (n=66)	Feminino (n=104)	t	p
	M (DP)	M (DP)		
Vitimização				
ERC abusivas	1.55 (.51)	1.63 (.50)	1.074	.285
ERC positivas	2.54 (.61)	2.53 (.52)	.025	.980
Comportamentos violentos	1.25 (.38)	1.22 (0.33)	.591	.556
Perpetração				
ERC abusivas	1.53 (.51)	1.54 (.44)	-.061	.951
ERC positivas	2.53 (.67)	2.65 (.56)	-1.230	.221
Comportamentos violentos	1.21 (.36)	1.22 (.33)	-.197	.844

ERC: Estratégias de resolução de conflitos

Os resultados revelam não existirem diferenças significativas entre rapazes e raparigas institucionalizados ao nível das experiências de vitimização e perpetração de violência nas relações amorosas.

Para analisar o efeito do ciclo de escolaridade na violência no namoro, recorreu-se à ANOVA unidirecional.

Tabela 6. Médias, desvios-padrão dos tipos de violência em função do ciclo de escolaridade e respetiva comparação estatística

Tipos de violência	Ciclos de escolaridade			F	p
	2º ciclo (n=24) M (DP)	3ºciclo (n=92) M (DP)	Ensino secundário (n=53) M (DP)		
Vitimização					
ERC abusivas	21.70 (6.40)	20.45 (6.61)	20.98 (6.65)	.381	.684
ERC positivas	20.21 (4.93)	22.67 (4.67)	24.25 (5.23)	5.720	.004
Comportamentos violentos	15.13 (4.03)	14.47 (3.95)	15.17 (4.63)	1.712	.184
Perpetração					
ERC abusivas	20.58 (7.43)	19.07 (4.82)	21.26 (7.27)	2.352	.098
ERC positivas	21.33 (6.22)	25.53 (5.13)	24.26 (5.52)	2.445	.090
Comportamentos violentos	15.63 (6.69)	14.09 (3.35)	14.98 (3.71)	1.712	.184

ERC: Estratégias de resolução de conflitos

Os resultados demonstram que foram encontradas diferenças significativas apenas na utilização de estratégias positivas pelo par amoroso (cf.

tabela 6), o que sugere que aquando um conflito há uma maior utilização destas pelos (as) parceiros (as) destes adolescentes institucionalizados. Posteriormente, recorreu-se ao teste post-hoc de comparações múltiplas de *Tuckey*. Os resultados demonstram diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes que frequentam o ensino secundário e o 2º ciclo, sendo que os alunos que admitem que o par amoroso utiliza mais estratégias positivas na resolução de conflitos são os que frequentam o ensino secundário.

Por fim, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de Pearson para verificar a existência de uma relação entre a variável idade e a violência nas relações de intimidade juvenil (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Correlação entre a idade e as relações de violência na intimidade (n=170)

Tipos de Violência	ERC abusivas		ERC positivas		Comportamentos violentos	
	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração
	<i>r</i>		<i>r</i>		<i>r</i>	
Idade	.077	.118	.166*	.186*	.028	.049

ERC: Estratégias de resolução de conflitos * $p < .05$

Os resultados da correlação entre vitimização, perpetração e idade revelam a existência de correlações fracas ou quase nulas¹¹. Os resultados indicam uma correlação positiva e fraca, entre as estratégias positivas de resolução de conflitos ($r=.186$; $p<.05$) e a perpetração. Também se evidencia uma correlação positiva e fraca entre a utilização de estratégias positivas na resolução de conflitos ($r=.166$; $p<.05$) e a vitimização da violência, o que é indicativo de há medida que aumenta a idade há uma maior utilização de estratégias positivas nas relações de intimidade, quer perpetradas quer vitimizadas.

3. Análise das relações de violência na intimidade juvenil em função do tempo da duração e da prática de relações sexuais.

¹¹ A interpretação dos valores obtidos foi realizada com base na proposta de Cohen (1988): valores entre $r=.10$ a $r=.29$ correspondem a uma correlação fraca, valores entre $r=.30$ a $r=.49$ dizem respeito a uma correlação moderada e, finalmente, valores entre $r=.50$ e $r=1.0$ são considerados correlações fortes; o mesmo se aplica a correlação de carácter negativo

A análise das relações de violência na intimidade juvenil em função da duração do relacionamento evidencia uma correlação positiva mas fraca entre a vitimização de estratégias positivas na resolução de conflitos e a duração no namoro ($r=.177$; $p<.05$), isto sugere que, um maior tempo de namoro está associado a uma maior utilização de estratégias positivas na resolução de conflitos por parte do par amoroso dos adolescentes institucionalizados (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Correlação entre vitimização, perpetração nas relações de violência na intimidade e duração do namoro (n=170)

Tipos de Violência	ERC abusivas		ERC positivas		Comportamentos violentos	
	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração
	<i>r</i>		<i>r</i>		<i>r</i>	
Duração no namoro	-.019	-.019	.177*	.122	-.083	-.083

ERC: Estratégias de resolução de conflitos

Relativamente à análise das relações de violência na intimidade juvenil em função da prática de relações sexuais, a análise da tabela 9 indica existirem diferenças significativas ao nível da percepção de se ser vítima de estratégias abusivas na resolução de conflitos, sendo que são os que têm relações sexuais que se consideram mais vitimados em relação aos que não praticam relações sexuais. Também existem diferenças na utilização pelo próprio de estratégias positivas de resolução de conflitos, e também são os que já têm relações sexuais os que mais estratégias positivas utilizam (cf. Tabela 9).

Tabela 9. Médias, desvios-padrão dos tipos de violência em função da prática de relações sexuais e respetiva comparação estatística

Prática de relações sexuais	SIM		NÃO		t	p
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Vitimização						
ERC abusivas	21.93 (6.73)	18.73 (4,98)	3.329	.001		
ERC positivas	23.48 (4.58)	22.27 (5.54)	1.482	.141		
Comportamentos violentos	15.00 (4.17)	14.11 (3.25)	1.503	.135		
Perpetração						
ERC abusivas	20.43 (6.31)	18.77 (4.99)	1.835	.068		
ERC positivas	24.67 (4.95)	22.34 (5.76)	2,733	.008		
Comportamentos violentos	14.64 (3.66)	14.17 (3.75)	.801	.424		

ERC: Estratégias de resolução de conflitos

4. Análise dos comportamentos de violência nas relações de intimidade juvenil em função do tipo de instituição e do tempo de institucionalização

À posteriori, foi realizada uma ANOVA unidirecional no sentido de verificar se o tipo de instituição – mista, apenas rapazes ou raparigas – influencia os tipos de violência entre os jovens institucionalizados.

Tabela 10. Estatística descritiva dos tipos de instituição

Tipo de instituição/ Tipos de Violência	Mista (n=28)	Rapazes(n=52)	Raparigas(n=90)	F	p
	M (DP)	M (DP)	M (DP)		
Vitimização					
ERC abusivas	20.34 (5.17)	20.17 (7.09)	21.32 (6.65)	.574	.565
ERC positivas	23.25 (4.69)	22.42 (5.81)	22.89 (4.64)	.272	.762
Comportamentos violentos	14.82 (2.83)	14.96 (4.91)	14.70 (4.09)	.065	.937
Perpetração					
ERC abusivas	21.18 (7.65)	19.67 (6.67)	19.78 (5.18)	.654	.522
ERC positivas	23.39 (5.58)	22.37 (6.04)	24.08 (4.98)	1.644	.196
Comportamentos violentos	15.61 (5.42)	14.31 (4.28)	14.44 (3.46)	1.047	.353

ERC: Estratégias de resolução de conflitos

Conclui-se que o tipo de instituição onde residem os adolescentes não influencia quer os tipos de violência perpetrados pelos mesmos, quer vitimizados, uma vez que não existem diferenças estatisticamente significativas eles (cf. Tabela 10).

Por fim, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de Pearson para verificar a existência de uma relação entre o tempo de institucionalização e a violência no namoro (cf. Tabela 11).

Tabela 11. Correlação entre vitimização, perpetração e o tempo de institucionalização (n=170)

Tipos de Violência	ERC abusivas		ERC positivas		Comportamentos violentos	
	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração	Vitimização	Perpetração
	<i>r</i>		<i>r</i>		<i>r</i>	
Tempo de institucionalização	-.057	.000	-.033	-.039	-.151*	.069

ERC: Estratégias de resolução de conflitos * $p < .05$

Constata-se a existência de uma correlação negativa e fraca entre o tempo de institucionalização e a vitimização de comportamentos violentos, o que sugere que o aumento do tempo de acolhimento se encontra associado a uma menor vitimização nos comportamentos violentos.

Análise das correlações entre estratégias abusivas de resolução de conflitos, comportamentos violentos, vergonhas interna e externa e experiências precoces adversas

Esta análise pretende investigar as relações existentes entre as memórias das experiências precoces adversas, a vergonha interna e externa e a violência nas relações de intimidade, tanto perpetrada como sofrida pelos adolescentes institucionalizados, por essa razão, as estratégias de resolução positiva foram excluídas de análise (cf. Tabela 12).

Tabela 12. Correlações entre estratégias abusivas, comportamentos violentos, vergonhas e experiências precoces adversas para a amostra total(n=170), para os rapazes (n=66) e raparigas (n=104)

	1			2			3			4			5			6			7			
	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ERC abusivas – Perpetração	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2.ERC abusivas – Vitimização	.724**	.778**	.690**	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3.Comportamentos violentos – Perpetração	.747**	.753**	.743**	.577**	.622**	.548**	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4.Comportamentos violentos – Vitimização	.486**	.531**	.449**	.731**	.757**	.725**	.627*	.706**	.706**	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5.ELES	.110	.172	.054	.017	.104	.059	.146*	.215	.215	-.017	.011	-.037	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-
6.OAS	.247**	.034	.405**	.336**	.103	.476**	.243**	.048	.048	.169*	-.047	.337**	.278**	.338**	.230**	1	1	1	-	-	-	-
7.ISS	.253**	.064	.409**	.348**	.153	.466**	.233**	.130	.130	.162*	.040	.285	.262**	.331**	.202**	.819**	.839**	.810*	1	1	1	1

Legenda: **ERC**: Estratégias de Resolução de Conflitos; **ELES**: Escala das Experiências de Vida para Adolescentes; **OAS**: Escala da Vergonha Externa; **ISS**: Escala de Vergonha Interna; **T**: amostra total; **M**: masculino; **F**: feminino.

**p<0.01 *p<0.05

A partir da observação da tabela 12, é possível verificar que as vergonhas (interna e externa) estão moderadamente associadas a comportamentos de agressão e vitimização na gestão de conflitos, com particular destaque para as raparigas ($r=.409$; $p<.01$; $r=.405$; $p<.01$, respetivamente) ($r=.466$; $p<.01$; $r=.476$; $p<.01$, respetivamente).

Também, é possível verificar que a vergonha externa e interna são as variáveis que mais se correlacionam. Os resultados apontam para uma correlação positiva forte para o sexo masculino ($r=.839$; $p<.01$), assim como para a amostra total ($r=.819$; $p<.01$) e sexo feminino ($r=.810$; $p<.01$). Estes resultados sugerem que, na amostra de adolescentes institucionalizados, a resultados elevados na vergonha externa estão associados valores elevados na vergonha interna, com particular destaque nos rapazes.

As experiências precoces adversas estão correlacionadas com a manifestação de comportamentos violentos pelos jovens institucionalizados. Os resultados apontam para uma correlação fraca, ainda que positiva ($r=.146$; $p<.05$), para a amostra total. Foram igualmente encontradas, com maior destaque nos rapazes, associações moderadas entre as vergonhas (interna e externa) e as experiências precoces adversas ($r=.331$; $p<.01$; $r=.338$; $p<.01$, respetivamente).

Para além do que já foi referido, também se contata a existência de uma correlação positiva forte entre a vitimização e a utilização de estratégias abusivas. Os resultados evidenciam uma correlação forte nos rapazes ($r=.778$; $p<.01$), na amostra total ($r=.724$; $p<.01$) e nas raparigas ($r=.690$; $p<.01$). Estes resultados sugerem que, tanto os rapazes como as raparigas, quanto mais atos agressivos praticam na resolução de problemas, mais alvos serão do mesmo tipo de ação.

Com a finalidade de explorar a contribuição relativa destas variáveis (das experiências precoces, vergonha interna e externa) para a variância da vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade, realizou-se uma análise de regressão múltipla ou por blocos, utilizando a escala das experiências precoces (ELES), a escala da vergonha externa (OAS) e da vergonha interna (ISS) como variáveis independentes ou preditoras e a vitimização e perpetração de violência como variável critério ou dependente.

Optou-se por fazer um estudo de predição por sexo, para uma melhor compreensão da contribuição de cada variável entre os sujeitos do sexo masculino e feminino.

5.1 Predição da vitimização na relação de intimidade juvenil a partir das experiências precoces adversas com mediação das vergonhas nas raparigas e nos rapazes institucionalizados

Nas tabelas 13 e 14 estão apresentados os resultados da predição apartir das experiências precoces, da vitimização na relação de intimidade juvenil mediadas pela vergonha para as raparigas e rapazes, respetivamente, da amostra.

No caso das raparigas, o modelo 1 que tem como variável preditora as experiências precoces adversas (ELES) revelam não ter um contributo estatisticamente significativo ($\beta = -.055$; $p > .05$) na predição dos comportamentos de vitimização nas relações de intimidade juvenil. Por sua vez, o modelo 2, que associa às experiências precoces adversas, a vergonha interna (ISS) e externa (OAS), é significativo, explicando 24.4% da variância da experiência de vitimização nas relações de intimidade. Também se verificou através do valor do Beta estandardizado que apenas a vergonha externa (OAS) ($\beta = .348$; $p < .05$) constitui um preditor significativo da vitimização nas relações de intimidade para as raparigas (cf. tabela 13).

Tabela 13. Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respetivos coeficientes para a experiências de vitimização nas raparigas

Preditores	R	R ²	F	p	β	p
Modelo 1						
ELES	.055	.003	.307	.581	-	-
	-	-	-	-	-.055	.581
Modelo 2						
Modelo Global	.494	.244	.748	.000	-	-
ELES	-	-	-	-	-.171	.059
OAS	-	-	-	-	.348	.022
ISS	-	-	-	-	.179	.231

Legenda: **ELES:** Escala das Experiências de Vida para Adolescentes; **OAS:** Escala da Vergonha Externa; **ISS:** Escala de Vergonha Interna

No que diz respeito aos rapazes, é possível verificar que nenhuma das variáveis contribuem para a vitimização nas relações de intimidade, uma vez que

em nenhum modelo foram encontradas diferenças significativas ($\beta=.70$; $p>.05$) e ($\beta= .049$; $\beta=-.181$; $\beta= .249$; $p>.05$). Isto significa que nenhuma das variáveis, as experiências precoces e a vergonha externa e interna são preditoras significativas da vitimização nas relações de intimidade (cf. Tabela 14).

Tabela 14. Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respectivos coeficientes para as experiências de vitimização nos rapazes.

Preditores	R	R ²	F	p	β	p
Modelo 1						
ELES	.070	.05	.319	.574	-	-
	-	-	-	-	.070	.574
Modelo 2						
Modelo global	.154	.024	.502	.682	-	-
ELES	-	-	-	-	.049	.716
OAS	-	-	-	-	-.181	.440
ISS	-	-	-	-	.249	.286

5.1 Predição da perpetração na relação de intimidade juvenil a partir das experiências precoces adversas com mediação das vergonhas nas raparigas e nos rapazes institucionalizados

Nas tabelas 15 e 16 encontram-se apresentados os resultados da predição a partir das experiências precoces, da perpetração da violência nas relações de intimidade juvenil mediadas pela vergonha.

A regressão realizada para as raparigas encontra-se retratada na tabela 15. Os resultados do modelo 1 que tem como variável preditora as experiências precoces adversas (ELES), demonstra que, isoladamente, as experiências precoces adversas não são preditoras de comportamentos abusivos por parte dos adolescentes nas relações de intimidade. O modelo 2 mostra que as experiências precoces adversas em associação com a vergonha interna e a vergonha externa explicam 18.5% da variância na manifestação de violência nas relações de intimidade juvenil ($R^2 =.185$; $F_{(3,100)}=.000$; $p<.01$). Porém, nenhuma variável sozinha consegue prever a emergência destes comportamentos abusivos, o que sugere que elas só tenham este efeito quando juntas.

Tabela 15. Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respectivos coeficientes a perpetração de violência nas raparigas

Preditores	R	R ²	F	<i>p</i>	β	<i>p</i>
Modelo 1	.073	.005	.546	.462	-	-
ELES	-	-	-	-	.201	.105
Modelo 2						
Modelo global	.431	.185	7.584	.000	-	-
ELES	-	-	-	-	-.027	.769
OAS	-	-	-	-	.294	.061
ISS	-	-	-	-	.162	.295

No que concerne aos rapazes, não foram encontradas diferenças significativas para nenhum modelo, ou seja, nenhuma das variáveis é capaz de prever o comportamento de violência nas relações de intimidade entre adolescentes (cf. Tabela 16).

Tabela 16. Sumário do modelo de regressão hierárquica ou por blocos e respectivos coeficientes para a perpetração de violência nos rapazes

Preditores	R	R ²	F	<i>p</i>	β	<i>p</i>
Modelo 1	.201	.041	2.704	.105	-	-
ELES	-	-	-	-	.201	.105
Modelo 2						
Modelo global	.223	.050	1.08	.363	-	-
ELES	-	-	-	-	.049	.716
OAS	-	-	-	-	-.181	.440
ISS	-	-	-	-	.249	.286

V - Discussão

O presente capítulo tem como finalidade, fazer uma síntese entre a teoria, a investigação e os resultados (Ribeiro, 2010). A organização deste capítulo segue a mesma ordem lógica do trabalho que o precedeu a nível da apresentação dos resultados, bem como dos objectivos definidos. Assim sendo, num primeiro momento discutir-se-á a prevalência dos comportamentos violentos nas relações de intimidade entre jovens institucionalizados. Posteriormente, será discutida a relação existente entre as memórias das experiências negativas na infância, a

vergonha, interna e externa, e a violência nas relações de intimidade. E, por fim, será apresentada uma discussão sobre o papel da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência no namoro, tanto perpetrada como sofrida.

1. Discussão da prevalência dos comportamentos de violência nas relações de intimidade juvenil entre jovens institucionalizados

A prevalência de comportamentos de violência nesta investigação revela não existirem diferenças significativas entre rapazes e raparigas quer para o estatuto de agressor, quer para o estatuto de vítima, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Wolfe (1999, 2001), Mendes (2006) e Tanaka e Wekerle (2014). Estes resultados mostram-se consistentes com a manifestação e experienciação recíproca nas relações da violência nas relações de intimidade entre adolescentes institucionalizados (Fernández-González, Wekerle, & Goldstein, 2012; Offenhauer, 2011; Wekerle & Wolfe, 1999).

Da análise qualitativa realizada foi possível verificar que os adolescentes institucionalizados admitem ser mais vítimas do que perpetradores de estratégias abusivas na resolução de conflitos com o par amoroso. Estes resultados podem manifestar alguns sentimentos de posse, identificados por comportamentos de controlo quer por parte dos adolescentes, quer por parte do seu (a) parceiro (a). Por outro lado, a exposição ao conflito interparental pode, também, de alguma forma justificar a aceitação de comportamentos abusivos como falar agressivamente, dizer coisas para o deixar furioso (a) e desta forma serem interpretados como uma forma apropriada à resolução de conflitos (Riggs & O'Leary, 1996). No entanto, ainda que em menor intensidade, alguns destes adolescentes, como por exemplo, insultar o outro, gozar ou fazer pouco do outro aparecem como sendo pouco utilizados pela amostra, o que pode expressar alguma dificuldade por parte destes adolescentes em compreender o real contexto de conflito. Wolfe et al (2001) constataam que muitos rapazes adolescentes justificam e desvalorizam alguns comportamentos abusivos como uma tentativa de brincar ou ser brincalhão com o (a) parceiro (a). O comportamento de ameaça de termino do namoro, apresenta um índice de

utilização mais elevado por parte destes adolescentes, o que pode manifestar uma tentativa de exercer poder sob o (a) parceiro (a).

Os adolescentes institucionalizados, também revelam utilizar e ser alvo, com muita frequência, de estratégias positivas ou não abusivas, como discutir o assunto calmamente, concordar com o outro, admitindo que ele estava certo e por vezes a culpa, entre outros, quando confrontado com um conflito com o (a) parceiro (a). Estes resultados, se por um lado podem refletir que nem sempre a existência de uma infância marcada pela violência determina a conduta abusiva (Caridade, 2011), por outro lado, podem reflectir aquilo que os adolescentes consideram ser socialmente mais desejáveis.

Em relação aos comportamentos violentos observa-se uma maior vitimização de comportamentos de coerção sexual sentida pelos adolescentes institucionalizados. Por exemplo 30% dos adolescentes da amostra referem ter sido beijados contra a sua vontade, enquanto 10% refere que já ter sido tocada, sexualmente, contra a sua vontade, e, ainda, 4.1% e 7.1 % da amostra revela já ter sido ameaçada e/ou forçada a ter relações sexuais, respetivamente. Muitos destes adolescentes possuem uma baixa autoestima ou uma imagem negativa sobre si, que associado à possibilidade/probabilidade de terem poucas amizades, pode contribuir para que aceitem com mais facilidade condutas sexuais agressivas por parte dos seus parceiros amorosos (Vycary et al., 1995). Rodrigues (2007), numa população de adolescentes não institucionalizados, chegou a uma conclusão semelhante, na medida em que 28.5% dos sujeitos assumiram ter sido beijados contra a sua vontade. Além destes resultados, também é possível verificar que, os adolescentes institucionalizados são tanto agressores como vítimas de comportamentos violentos como ameaçar magoar ou destruir algo que o outro goste e/ou tentar assustar o outro. Estes resultados podem sugerir que o comportamento violento surge como uma resposta a outro comportamento violento, ainda que não seja possível determinar quem iniciou a ação. De qualquer modo, os comportamentos violentos de ameaça, empurrões ou abanões são os mais sentidos pelos adolescentes institucionalizados. Os resultados, também apontam para uma maior perpetração de comportamentos de agressão física, como por exemplo, dar uma bofetada, um murro, pontapés, puxar o cabelo ou atirar coisas por parte do adolescente ao seu parceiro amoroso.

Estes resultados podem ser consequência de uma relação de poder assimétrica entre os adolescentes institucionalizados e os seus parceiros, e amplificar os níveis de violência (Kaura & Allen, 2003, in Caridade, 2011).

No que diz respeito aos ciclos de escolaridade dos adolescentes, conclui-se que os (as) parceiros (as) dos adolescentes institucionalizados que frequentam o ensino secundário utilizam mais estratégias positivas de resolução de conflitos quando comparados com adolescentes institucionalizados que frequentam o 2º ciclo. Estes resultados são, em parte, consistentes com os resultados obtidos através da correlação entre a idade e a experiencição e manifestação da violência nas relações de intimidade, uma vez que, quanto maior a idade, mais tendência haverá para ser alvo e utilizar estratégias positivas de resolução de conflito. Carlson (1999) verificou que algumas variáveis sócio-demográficas como a idade influenciam os julgamentos dos jovens e que os estudantes que frequentam um nível mais avançado de formação apresentam uma maior consciencialização sobre o que poderá ser ou não um ato abusivo. Ademais, Gouveia (2015), num estudo com 339 jovens que vivem com as suas famílias, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, conclui que a vitimização e perpetração de estratégias positivas em situações de conflito com o par romântico, estão presentes, de igual modo.

No que concerne à prática de relações sexuais pelos adolescentes institucionalizados, é possível verificar que os adolescentes que já praticaram relações sexuais utilizam e são mais alvo de estratégias tanto positivas como abusivas aquando um conflito com o (a) parceiro (a) em comparação com aqueles que não praticam relações sexuais. Estes resultados podem justificar alguns comportamentos de coerção sexual referidos anteriormente.

Há medida que aumenta o tempo de relação é possível, também, perceber que os adolescentes inquiridos demonstram uma maior sensibilidade na utilização de estratégias positivas em situações de conflitos. Estes resultados podem ser consequência do papel que a comunidade em geral tem nestes jovens, através de ações de informação e sensibilização nas escolas, ou pela influência do grupo de pares, na censura de determinados comportamentos abusivos nas relações íntimas (Saavedra & Machado, 2012). Por outro lado, a instituição também se pode constituir como um fator de proteção face ao desenvolvimento

de relacionamentos abusivos (Wekerle et al., 2001).

No que toca à análise dos comportamentos de violência nas relações de intimidade juvenil em função do tipo e tempo de institucionalização, conclui-se que, independentemente do tipo de instituição, não há diferenças quer na perpetração ou vitimização da violência nos relacionamentos íntimos. Uma explicação possível para este resultado, poderá passar pela qualidade das relações estabelecidas, como por exemplo, com o *staff* da instituição, que poderá potenciar no jovem capacidades adaptativas, tornando-os mais confiantes e capazes de desenvolver estas estratégias de resolução de conflitos (Mota & Matos, 2010). Todavia, o tempo de institucionalização está associado a uma maior vitimização nos comportamentos violentos. Estes resultados vão ao encontro dos de Minayo, Assis e Njaine (2011) que demonstram que jovens que viveram em ambientes familiares hostis apresentam uma maior probabilidade de serem vítimas de violência nas suas relações amorosas.

2. Relação existente entre as memórias das experiências negativas na infância, a vergonha, interna e externa, e a violência nas relações de intimidade

Relativamente à análise da relação entre as estratégias abusivas, comportamentos violentos, vergonhas e experiências precoces verifica-se que a vergonha interna e externa estão moderadamente associadas a comportamentos abusivos na gestão de conflitos quer para o estatuto de agressor como de vítima, com particular destaque para as raparigas. Isto pode representar que a forma negativa como as raparigas institucionalizadas se percebem sob o ponto de vista dos outros e aos seus próprios olhos, pode influenciar a prática e aceitação de comportamentos abusivos por parte dos parceiros. Também se verificou uma associação fraca, mas positiva, entre a vergonha interna e externa e a vitimização nas estratégias abusivas de resolução de conflitos, o que sugere, novamente, que as crenças de que os outros os vêem de uma forma negativa e a percepção de si próprio como sendo fraco, sem valor e indezessável pode influenciar a aceitação destes comportamentos abusivos pelo par amoroso.

No caso dos rapazes foram encontradas associações moderadas entre a vergonha interna e externa e as experiências precoces adversas. Quando

confrontados com uma situação de conflito, os rapazes podem interpretar esta experiência como uma ameaça, o que poderá despoletar comportamentos de submissão e humilhação.

Por sua vez, as experiências precoces estão correlacionadas positivamente, ainda que apresentem uma magnitude fraca, com a perpetração de comportamentos violentos, para a amostra total. Isto pode sugerir que nem sempre os sentimentos de desvalorização, humilhação e submissão experienciados na infância estão associados à violência nas relações amorosas.

Os dados encontrados também demonstram que, tanto os rapazes como as raparigas que se encontram em acolhimento residencial, quanto mais atos agressivos praticam na resolução de problemas, maior irá ser a probabilidade de ser alvo do mesmo tipo de ação. Estes resultados coincidem os encontrados por Cicchetti e Howes (1991) que revelam que jovens que viveram em lares abusivos na infância aprenderam que a violência e a intimidação são ferramentas para manter relacionamentos e resolver conflitos.

3. Papel mediador da vergonha interna e externa na relação entre as experiências precoces negativas e a violência nas relações de intimidade juvenil, tanto perpetrada como sofrida

Os resultados encontrados para os rapazes não foram indicativos de um papel mediador da vergonha interna e externa, entre as experiências precoces negativas e a violência nas relações de intimidade, quer praticada, quer sofrida. Estes resultados sugerem que nem os sentimentos de vergonha nem as interações negativas na infância são preditoras da violência nas relações de intimidade.

No que diz respeito às raparigas em acolhimento, as experiências de submissão e humilhação vividas na infância em associação com os sentimentos de vergonha interna e externa explicaram 24% da variabilidade da violência sofrida nos relacionamentos íntimos. Porém, parece ser a externalização de uma visão do *self* como defeituoso, inadequado ou indesejado que mais contribui para vitimização de comportamentos de violência nos relacionamentos amorosos. Estes resultados parecem ir ao encontro dos dados da literatura que mostram que o desenvolvimento do *self* surge das experiências na infância e que os indivíduos que passaram por experiências de subordinação, desvalorização tendem a

adoptar crenças que os outros os vêem como inferiores, inadequados ou indesejados (Gilbert et al., 2003; Matos & Pinto-Gouveia, 2009, in Coelho, Castilho & Pinto-Gouveia). Ainda, as raparigas institucionalizadas revelaram que, relativamente à perpetração da violência nas relações de intimidade se observa que as experiências negativas na infância e os sentimentos de vergonha, explicam, apenas 18.5 % da variância na manifestação destes comportamentos de violência. Contudo, não é possível verificar a importância que cada variável independente tem na emergência de comportamentos violentos relações de intimidade, o que pode expressar que, nas raparigas institucionalizadas, as variáveis independentes influenciam muito pouco a predisposição para a adoção de estratégias de ataque como a agressividade.

VI - Conclusões

O objetivo principal desta dissertação foi estudar a associação entre a violência nas relações de intimidade juvenil, as experiências precoces adversas e a vergonha numa amostra de adolescentes institucionalizados. Com efeito, a experiências precoces negativas de vida têm sido muito associadas ao desenvolvimento de sentimentos de vergonha. Deste modo, foi analisada a relação entre as experiências precoces adversas e os sentimentos de vergonha com a violência nas relações de intimidade. Por fim, procurou-se perceber o papel mediador da vergonha interna e externa, na relação entre as experiências de humilhação e submissão na infância e a violência nas relações de intimidade.

Após as análises realizadas, é possível concluir (1) não existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas que se encontram em acolhimento residencial, uma vez que se verifica uma reciprocidade na perpetração e vitimização da violência nas relações de intimidade desta amostra; (2) o aumento do tempo da relação está associado a uma maior predisposição para a perpetração de estratégias positivas na gestão de conflitos; (3) o tempo de institucionalização está associado a uma menor vitimização nos comportamentos violentos; (4) para a amostra total constatou-se uma relação moderada entre a vergonha interna e externa e a vitimização de estratégias abusivas na resolução

de conflitos; (5) para as raparigas a vergonha externa surge como principal mediadora da vitimização da violência.

De um modo geral, os objetivos propostos foram atingidos. Estes resultados podem sugerir um eventual papel positivo da vida na instituição, na medida em que, pode proporcionar a estes adolescentes o estabelecimento de relações mais positivas do que as que tinham no contexto familiar e consequentemente influenciar positivamente as relações amorosas. No entanto, há alguns resultados carecem de alguma reflexão, nomeadamente, porque é que vergonha parece exercer algum papel mediador na violência no namoro para as raparigas e não para os rapazes? Uma possível explicação para estas desigualdades de género pode estar associada à manutenção de mitos e/ou crenças relacionadas com mulheres e homens ainda muito latentes na nossa sociedade.

Não obstante, esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente, o fato da violência nas relações amorosas constituir uma experiência pessoal e frequentemente associada a sentimentos de vergonha e culpa podem condicionar a veracidade das respostas dos sujeitos, traduzindo-se em respostas que os sujeitos consideram ser mais aceitáveis socialmente. Uma outra limitação é a impossibilidade de compreensão dos motivos ou a significação que lhes é atribuída pelos intervenientes (quer sejam vítimas ou agressores). Por exemplo, compreender se que o ato abusivo cometido foi um ato isolado, ou contínuo; foi uma resposta à violência ou foi o sujeito inquirido que iniciou o ataque; e o que sentiu o sujeito para o impulso de comportamentos abusivos. Por essa razão seria pertinente, a co-aplicação de um questionário ou entrevista (semi)estruturada que permitisse um conhecimento mais aprofundado sobre estas dinâmicas nas relações afetivas. Uma outra limitação prende-se com o tamanho da amostra não ser representativo da população alvo, não podendo, por isso, ser generalizada. Acrescenta-se, também, que seria vantajoso recolher uma amostra aleatória maior, mais significativa e representativa da população alvo.

Seria importante a realização de estudos longitudinais que possibilitem estudar a mesma população alvo e realizar mais avaliações ao longo do tempo, de forma a perceber como determinadas características da vida em acolhimento,

por exemplo o rácio de cuidadores/jovens ou o tipo de trabalho terapêutico utilizado, influenciam o comportamento amoroso destes jovens institucionalizados.

Referências

- Alberto, I. (2008). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco. Em C. Machado, & R. A. Gonçalves, *Violência e vítimas de crimes (3ª ed.)* (pp. 209-227). Coimbra: Quarteto.
- Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., & Dutton, D. (2001). Insecure attachment and abusive intimate relationships. In C. Clulow, *Adult attachment and couple psychotherapy: Applying the secure* (pp. 43-61). London: Brunner-Routledge.
- Batista, J., Mesquita, A., & Soares, I. (2015). Desenvolvimento de crianças em acolhimento institucional e impacto da qualidade dos cuidados relacionais. *Scientia iuridica, Tomo LXIV*(338), 215-248.
- Belsky, J. (1993). Etiology of Child Maltreatment. A Developmental-Ecological Analysis. *Psychological Bulletin, 114*(3), 413-434.
- Berntsen, D., & Rubin, D. C. (2006). The centrality of event scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and Therapy, 44*(2), 219–231. doi:10.1016/j.brat.2005.01.009
- Bradley, B., Westen, D., Mercer, K. B., Binder, E. B., Jovanovic, T., Crain, D., . . . Heim, C. (2011). Association between childhood maltreatment and adult emotional dysregulation in a low-income, urban, African American sample: Moderation by oxytocin receptor gene. *Development and Psychopathology, 23*(2), 439-452. doi:10.1017/S0954579411000162.
- Bretherton, I., & MunHolland, K. (2008). Internal Working Models in Attachment Relationships. In J. Cassidy, & P. R. Shaver, *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications, 2nd edition* (pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Canha, J. (2008). A criança vítima de violência. In & R. C. Machado, *Violência e vítimas de crimes (3ª ed.)* (pp. 17-37). Coimbra: Quarteto.
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas - Uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de

- intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Carlson, B. (1999). Student judgments about dating violence: a factorial vignette analysis. *Research in Higher Education*, 40, 201-218.
- Castilho, P. (2011). *Modelos de relação interna: Autocriticismo e autocompaixão. Uma abordagem evolucionária compreensiva da sua natureza, função e relação com a psicopatologia*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento não publicada, Universidade de Coimbra.
- Chiodo, D., Crooks, C. V., Wolfe, D. A., McIsaac, C., Hughes, R., & Jaffe, P. G. (2012). Longitudinal Prediction and Concurrent Functioning of Adolescent Girls Demonstrating Various Profiles of Dating Violence and Victimization. *Prevention Science*, 13(4), 350–359.
doi:doi:10.1007/s11121-011-0236-3
- Cicchetti, D., & Howes, P. W. (1991). Developmental psychopathology in the context of the family: Illustrations from the study of child maltreatment. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 23, 257-281.
- Coelho, S., Castilho, P., & Pinto-Gouveia, J. (2010). Recordação de experiências de ameaça e subordinação na infância, auto-criticismo, vergonha e submissão: a sua contribuição para a depressão em estudantes universitários. *PSYCHOLOGICA*, 2010, 52 – Vol. II, 449-474.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences (2ª ed.)*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
doi:10.1146/annurev.psych.60.110707.163459
- Cunha, M., Matos, M., Faria, D., & Zagalo, S. (2012). Shame Memories and Psychopathology in Adolescence: The Mediator Effect of Shame. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 12(2), 203-218.
- Cunha, M., Xavier, A., Matos, M., & Faria, D. (2015). O impacto das memórias de vergonha na adolescência: A escala de Centralidade do Acontecimento (CES). *Análise Psicológica*, 4 (XXXIII), 425-438.
doi:10.14417/ap.995
- Draucker, C., Martsolf, D., Stephenson, P., Risko, J., Heckman, ..., Sheehan, D., Ferguson, C. (2010). Aggressive Events in Adolescent Dating Violence. *Issues In Mental Health Nursing*, 31(9), 599-610.
doi:http://dx.doi.org/10.3109/01612841003793056
- Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring

- adolescent dating violence: Development of 'conflict in adolescent dating relationships inventory' short form. *Advances in Mental Health*, 1(11), 35-54.
- Ferreira, M., Lopes, A., Aparício, G., & Duarte, J. (2014). Teens and dating: study of factors that influence attitudes of violence. *Atención Primaria*, 46(5), 187-190. doi:10.1016/S0212-6567(14)70089-7
- Fonseca, C. (2015). *Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados* (Tese de mestrado não publicada). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Gilbert, P., Cheung, M., Grandfield, T., Campey, F., & Irons, C. (2003). Recall of threat and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108-115. doi:10.1002/cpp.359
- Gilbert, P. (1995). Biopsychosocial approaches and evolutionary theory as aids to integration in clinical psychology and psychotherapy. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 2(3), 135-156.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert, & B. Andrews, *Shame: Interpersonal behaviour, psychopathology and culture* (pp. 3-38). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2001). Evolutionary approaches to psychopathology: The role of natural defenses. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35, 17-27.
- Gilbert, P. (2002). Body shame: A biopsychosocial conceptualization and overview, with treatment implications. In P. Gilbert, & J. Miles, *Body shame: Conceptualization, research and treatment* (pp. 3-54). New York: Brunner-Routledge.
- Gilbert, P. (2009). Introducing compassion-focused therapy. *Advances in psychiatric treatment*, 15, 199-208. doi:10.1192/apt.bp.107.005264
- Gilbert, P., Baldwin, M., Irons, C., Baccus, J., & Palmer, M. (2006). Self-Criticism and self-warmth: an imagery study exploring their relation to depression. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 20(2), 183-200.
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures I: The other as shamer scale. *Personality and Individual Differences*, 17(5), 713-717.

- Gouveia, M. (2015). *Associações entre a Violência nas Relações de Intimidade Juvenil, as Experiências Precoces Negativas e a Vergonha na Adolescência*. (Tese de mestrado não publicada). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Herz, L., & Gullone, E. (1999). The relationship between self-esteem and parenting style. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 30*, 742–761.
- Holmes, J. (2001). *The search for the secure base: Attachment theory and psychotherapy*. East Sussex: Brunner- Rutledge.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior, 4*(2), 233–247. doi:dx.doi.org/10.1016/S1359-1789(97)00049-9
- Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2007). In I. (. Soares, *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilíbrios.
- Knox, L., Lomonaco, C., & Alpert, E. (2009). Adolescent Relationship Violence. Em C. Mitchell, & D. Anglin, *Intimate Partner Violence: a health-based perspective* (pp. 511-530). New York: Oxford University Press.
- Lereya, S. T., Samara, M., & Wolke, D. (2013). Parenting behavior and the risk of becoming a victim and a bully/victim: A meta-analysis study. *Child Abuse & Neglect, 37*(12), 1091-1108. doi:10.1016/j.chiabu.2013.03.001
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review, 21*, 105–127.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. J. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43-52. doi:doi:10.1007/s10896-009-9268-x
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 41*(2), 5-28.
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations, 30*(1), 97-102.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: Perpetration and victimization. *Journal of Adolescent Health, 21*(5), 291-302. doi:10.1016/S1054-139X(97)00143-2
- Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2010). Shame as a Traumatic Memory. *Clinical*

- Psychology and Psychotherapy*, 17, 299–312. doi:10.1002/cpp.659
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2012). When I don't Like Myself: Portuguese Version of the Internalized Shame Scale. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(3), 1411-1423. doi:10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39425
- Mendes, F. (2006). *Percursos da violência. Da família de origem à conjugalidade. Um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior*. (Tese de mestrado não publicada). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Miller, E., Decker, M. R., Reed, E., Raj, A., Hathaway, J. E., & Silverman, J. G. (2007). Male Partner Pregnancy-Promoting Behaviors and Adolescent Partner Violence: Findings from a Qualitative Study with Adolescent Females. *Ambulatory Pediatrics*, 7(5), 360–366. doi:dx.doi.org/10.1016/j.ambp.2007.05.007
- Minayo, M. C., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do "ficar" entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora.
- Monteiro, M., & Santos, M. (2001). *Psicologia*. Porto: Porto Editora.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia e Sociedade*, 20(3), 367-377.
- Mota, C., & Matos, M. (2015). Adolescents in Institutional Care: Significant Adults, Resilience and Well-Being. *Child Youth Care Forum*, 44, 209–224. doi:10.1007/s10566-014-9278-6
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel da figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (28), 245-254.
- Nobre-Lima, L. (2009). *Estórias e projetos de vida de adolescentes institucionalizados*. Universidade de Coimbra: Tese de Doutoramento.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen Dating Violence: A Literature Review and Annotated Bibliography*. Washington: The Library of Congress - Federal Research Division. Retirado de 16 de 04 de 2016, de <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- Pacheco, P. (2010). *Lares de Infância e Juventude: Contributos para um modelo de acolhimento e integração social*. Porto: Universidade Fernando Pessoa: Tese de Mestrado. Retirado de <http://hdl.handle.net/10284/1946>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo : estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.

- Perry, B., Pollard, R., Blakley, T., Baker, W., & Vigilante, D. (1995). Childhood trauma, the neurobiology of adaptation, and “use-dependent” development of the brain: How “states” become “traits”. *Infant Mental Health Journal*, *16*(4), 271–291. doi:10.1002/1097-0355(199524)
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ªed.* Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto-Gouveia, J., Castilho, P., Matos, M., & Xavier, A. (2013). Centrality of Shame Memories and Psychopathology: The Mediator Effect of Self-Criticism. *Clinical Psychology: Science & Practice*, *20*(3), 323-334. doi:10.1111/cpsp.12044
- Pinto-Gouveia, J., Xavier, A., & Cunha, M. (2013). Measuring early memories of threat and subordination: Study of psychometric properties of the Early Life Experiences Scale for Adolescents (ELES-A). *EABCT 2013 Annual Congress*. Marrakech, Morocco.
- Richter, A., Gilbert, P., & McEwan, K. (2009). Development of an Early Memories of Warmth and Safeness scale and its relation to psychopathology. *Psychology and Psychotherapy Theory Research and Practice*, *82*, 171–184. doi:10.1348/147608308X395213
- Riggs, D. S., & O'Leary, K. D. (1996). Agression between heterosexual dating partners. An examination of a causal model of courtship agression. *Journal of Interpersonal Violence*, *11*(4), 519-540. doi:10.1177/088626096011004005
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes : Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, *30*(1-2), 109-130.
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. Em M. M. C. Machado, C. Machado, M. Gonçalves, L. Almeida, & M. Simões, *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica, Vol. I.* . Coimbra: Almedina.
- Saúde, O. M. (06 de 09 de 2016). *WHO/ World Health Organization*. Obtido de <http://www.who.int/topics/violence/en/>
- Siqueira, A. C., & Dell’Aglío, D. D. (2006). O Impacto da Institucionalização na Infância e na Adolescência: uma revisão da literatura. *Psicologia & Sociedade*, *18*(1), 71-80.
- Smith, D. M., & Donnelly, J. M. (2001). Adolescent dating violence: A multi-systemic approach of enhancing awareness in educators, parents, and society. *Journal of Prevention & Intervention Community*, *21*(1), 53-64. doi:dx.doi.org/10.1300/J005v21n01_04

- Sousa, M. L., & Cruz, O. M. (4 a 6 de Fevereiro de 2010). As narrativas das crianças institucionalizadas. A experiência de maus-tratos e a construção dos modelos representacionais. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1600-1614). Portugal: Universidade do Minho.
- Tabachnick, B., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics (3ªed.)*. New York: Harper Collins.
- Tanaka, M., & Wekerle, C. (2014). Dating violence among child welfare-involved youth: Results from the Maltreatment and Adolescent Pathway (MAP) Longitudinal Study. *International Journal of Child and Adolescent Resilience*, 2, 29-36.
- Tangney, J. P., & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: Guilford.
- Vicary, J. R., Klingaman, L. R., & Harkness, W. L. (1995). Risk factors associated with date rape and sexual assault of adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 18(3), 289-306.
- Volpe, E. M., Morales-Alemán, M. M., & Teitelman, A. M. (2014). Urban Adolescent Girls' Perspectives on Romantic Relationships: Initiation, Involvement, Negotiation, and Conflict. *Issues in Mental Health Nursing*, 35, 776–790. doi:10.3109/01612840.2014.910582
- Wathier-Abaid, J. L., Dell'Aglio, D. D., & Koller, S. H. (2010). Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, 9(1), 199-212. Obtido em 05 de 09 de 2016, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64712156016>
- Weiss, J. A., MacMullin, J., Waechter, R., Christine Wekerle, Wekerle, C., & The MAP Research Team. (2011). Child Maltreatment, Adolescent Attachment Style, and Dating Violence: Considerations in Youths with Borderline-to-Mild Intellectual Disability. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 9(5), 555–576. doi:doi:10.1007/s11469-011-9321-x
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating Violence in Mid-Adolescence: Theory, Significance, and Emerging Prevention Initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19(4), 435–456. doi:dx.doi.org/10.1016/S0272-7358(98)00091-9
- Wekerle, C., Leung, E., Wall, A., MacMillan, H., Boyle, M., Trocme, N., & Waechter, R. (2009). The contribution of childhood emotional abuse to teen dating violence among child protective services-involved youth. *Child Abuse & Neglect*, 33(1), 45–58. doi:dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.12.006
- Wolfe, D. A. (1999). *Child Abuse. Implications for Child Development and*

Psychopathology. Thousand Oaks: Sage.

Wolfe, D. A., Scott, K., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, *13*, 277-293.

Anexos

